

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Patricia Barrachina Camps**

**Um olhar da Gestalt-terapia para o luto da criança: uma revisão  
integrativa de literatura**

**Mestrado em Psicologia Clínica**

**São Paulo  
2022**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Patricia Barrachina Camps**

**Um olhar da Gestalt-terapia para o luto da criança: uma revisão  
integrativa de literatura**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena Pereira Franco.

**São Paulo  
2022**

## ERRATA

**p. 29:** Onde se lê “Sendo o contato um conceito central na abordagem gestáltica” leia-se “Sendo o contato um conceito fundamental”.

**p. 31:** Onde se lê “Este é um dos conceitos centrais da abordagem” leia-se “Ajustamento criativo”.

**p. 61:** Onde se lê “Figuras 6.2 e 6.3” leia-se “Figuras 6.2 e 6.3, extraídas do artigo original”.

**BANCA EXAMINADORA**

---

*Prof.<sup>a</sup> D.<sup>ra</sup> Maria Helena Pereira Franco – PUC-SP*

---

*Prof.<sup>a</sup> D.<sup>ra</sup> Ida Kublikowski – PUC-SP*

---

*Prof.<sup>a</sup> D.<sup>ra</sup> Karen Scavacini – Instituto Vita Alere*

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Assinatura:

São Paulo,        /        /

E-mail: [patriciabcamps@gmail.com](mailto:patriciabcamps@gmail.com)

## AGRADECIMENTOS

A todo encontro humano e a sabedoria que este nos oferta, por meio de trocas, afeto e reflexões. Este trabalho é fruto de muitos encontros que deixaram marcas profundas em quem sou. Agradeço a toda a minha família, a cada um dos meus amigos e pessoas que passaram pela minha história.

Agradeço à minha querida orientadora, Prof.<sup>a</sup> D.<sup>ra</sup> Maria Helena Franco, por compartilhar todo o seu conhecimento, fruto de anos dedicados aos estudos do luto, fundamental para o trabalho nesta clínica tão delicada. Agradeço também a todos os queridos colegas da PUC-SP pelos trabalhos desenvolvidos em conjunto, pelas trocas tão valiosas. Em especial, às queridas Mariana Cacciacarro e Franciele Sassi, sustentos no início da travessia, e Fabíola Junqueira e Glaucia Pina, essenciais no final desta construção. Obrigada, meninas, pela companhia!

Às queridas professoras participantes da banca examinadora, Prof.<sup>as</sup> D.<sup>ras</sup> Ida Kublikowski e Karen Scavacini, pelas contribuições fundamentais na banca de qualificação. Com olhar tão competente e generoso, foram essenciais na finalização deste trabalho. Agradeço também à disponibilidade das professoras suplentes, Prof.<sup>as</sup> D.<sup>ras</sup> Virginia Suassuna Moreira Costa e Ida Cardinali.

Agradeço a Gerson Ferracini pela competente e atenta revisão deste trabalho.

Um agradecimento especial à Mônica Pereira, secretária do Programa de Estudos Pós-graduados, no Núcleo de Família e Comunidade, bem como a cada um dos funcionários da biblioteca da PUC-SP e demais colaboradores desta instituição.

Aos queridos colegas do Quatro Estações Instituto de Psicologia, onde minha jornada de estudos sobre luto teve início. A todos da “Turma do Fundão”, em especial Fernanda Pimentel, Juliana Correia, Priscila Morozetti e Ricardo Vilela, que seguem do luto para a vida.

Aos mestres e amigos queridos que a Gestalt me deu: Myrian Bove, Claudia Ranaldi, Luiz Lilienthal, Ênio Brito, Tereza Ajzenberg, Eviene Lazaros, Esther Hwang e tantos outros que ofertaram tanto conhecimento na minha construção como Gestalt-terapeuta. Agradeço à querida Beatriz Cardella, supervisora atenta e afetuosa, cuja presença doce e forte me ensina tanto, sobre vida e Gestalt-terapia. Em especial, agradeço às amigas-parceiras, companheiras de jornada de vida, Erika Kemmelmeier, Leticia Brodoloni e Daniela Pupo, por tantas parcerias, no trabalho e na vida. Dany, em especial, a quem agradeço por seu incentivo, cuidado e apoio em cada etapa da construção deste trabalho e em cada momento da minha vida.

A cada um dos meus alunos, supervisionandos e, em especial, a cada um dos meus pacientes que me ofertam o privilégio de acompanhar e testemunhar suas histórias de vida – agradeço a presença de cada um na minha vida.

A minha mãe amada, que sempre me incentivou e torceu da primeira fila, e a meus afilhados queridos, especialmente à querida Thainá e seu fundamental suporte para meu trabalho.

Ao meu grande amor Marcelo Cau. Nada seria possível sem seu amor, seu cuidado, sua paciência e sustentação, nos momentos em que a exaustão parecia impossibilitar chegar ao fim. Aos nossos filhos-filhotes Sabrina, Phoebe, Olivia e Cheers, e à linda Sophia, que nos deixou já no final do percurso.

*Ao leitor adulto*

*Vocês dizem:*

*Cansa-nos ter que privar com crianças*

*Têm razão.*

*Vocês dizem ainda:*

*Cansa-nos, porque precisamos descer ao seu nível de compreensão.*

*Descer, rebaixar-se, inclinar-se, ficar curvado.*

*Estão equivocados.*

*Não é isso o que nos cansa, e sim, o fato de termos de elevar-nos até alcançar o nível de sentimento das crianças.*

*Elevar-nos, subir, ficar na ponta dos pés, estender a mão.*

*Para não machucá-las.*

**Janusz Korczack**

CAMPS, P.B. **Um olhar da Gestalt-terapia para o luto da criança: uma revisão integrativa de literatura.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo ampliar a compreensão do processo de luto da criança pelo olhar da Gestalt-terapia, abordagem dialógica que se ampara no método fenomenológico-existencial para compreender os fenômenos humanos. A abordagem gestáltica entende o ser humano como vir a ser, em um processo contínuo de ajustamentos criativos e de autorregulação orgânica. Desta forma, entende que o processo de luto é uma experiência que rompe o conhecido e requer a constituição de ajustamentos criativos para acomodar a nova realidade que se configura a partir da perda. A pesquisa foi construída a partir de uma revisão integrativa de literatura, visando identificar publicações que abordam o processo de luto da criança a partir dos pressupostos teóricos e epistemológicos da Gestalt-terapia. Os critérios de inclusão consideraram publicações do período de 2016 a 2021, em inglês ou português, com texto completo disponibilizado *online*. A partir da definição da pesquisa, foram delimitados os descritores “luto da criança” *or* “luto infantil” *or* “luto na infância” *and* “Gestalt-terapia” (e, em inglês, “grief” *or* “mourning” *or* “bereavement” *and* child\* *and* “Gestalt therapy”), considerando as bases PubMed, Bireme-BVS (Lilacs, IBECs, MedLine, SciELO), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Google Acadêmico, selecionadas por representarem importantes portais de artigos científicos desta área de investigação. Constatou-se que a incidência de estudos na abordagem gestáltica sobre o luto da criança é incipiente e que o incremento de pesquisas na área pode contribuir com a compreensão do processo de luto e das possibilidades interventivas na clínica em Gestalt-terapia.

**Palavras-chave:** luto da criança, luto na infância, Gestalt-terapia

CAMPS, P.B. **Children's grieving from the Gestalt therapy perspective: an integrative literature review**. Dissertation (Master in Clinical Psychology). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

## ABSTRACT

The purpose of this investigation was to broaden the current knowledge on the grieving process of children from the Gestalt therapy perspective, a dialogical approach that draws on the phenomenological-existential method to understand human phenomena. The Gestalt approach sees the human being as a continuous process of becoming—one of creative adjustments and organismic self-regulation—viewing the grieving process as an experience that breaks with previous life experience, requiring creative adjustments to accommodate the new reality emerging from the loss. An integrative literature review was conducted to identify publications addressing the grieving process in children from the theoretical and epistemological perspectives of Gestalt therapy. The inclusion criteria were studies in English or Portuguese, published during 2016-2021, and with full texts available online. “Grief” *or* “mourning” *or* “bereavement” *and* child\* *and* “Gestalt therapy” (and, in Portuguese, “luto da criança” *or* “luto infantil” *or* “luto na infância” *and* “Gestalt-terapia”) were the descriptors employed in searches of the PubMed, Bireme-BVS (Lilacs, IBECs, MedLine, SciELO), CAPES Periodicals Portal, and Google Scholar databases, selected for their extensive content on scientific studies in this area of investigation. There is a dearth of studies on children's grief using the Gestalt approach. Promoting research in this area can help expand the current knowledge base on the grieving process, as well as elucidate the potential for clinical interventions involving Gestalt therapy.

**Keywords:** children's grief, childhood grief, Gestalt therapy

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 4.1. Desenvolvimento infantil e concepção de morte .....	42
Quadro 6.2. Estudos pré-selecionados, obtidos nas bases de dados.....	56
Quadro 6.3. Estudos selecionados para análise .....	57
Quadro 6.4. Estudos selecionados e seus achados .....	59

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1.1. Ciclo de contato. ....	30
Figura 3.1. Movimento exercido pelo cuidador. ....	36
Figura 3.2. Constituição do autossuporte .....	37
Figura 6.1. Etapas da revisão integrativa de literatura .....	52
Figura 6.2. Cenário na areia construído pela criança, em formato final.....	61
Figura 6.3. Cenário na areia após a ida da criança, com a retirada da areia depositada sobre as miniaturas .....	61

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1. OBJETIVO DA PESQUISA.....</b>	<b>21</b>
1.1. Objetivo geral .....	21
1.2. Objetivos específicos .....	21
<b>2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>23</b>
2.1. Uma antropologia da Gestalt-terapia .....	23
2.2. Gestalt-terapia: desenvolvimento conceitual .....	26
Influências filosóficas e pressupostos epistemológicos .....	26
Os principais conceitos.....	29
<b>3. O DESENVOLVIMENTO INFANTIL SOB O OLHAR DA GESTALT-TERAPIA.....</b>	<b>33</b>
<b>4. O PROCESSO DE LUTO: UMA VISÃO GESTÁLTICA .....</b>	<b>39</b>
4.1. Uma compreensão gestáltica do luto .....	39
4.2. O luto da criança .....	41
<b>5. A CLÍNICA GESTÁLTICA COM CRIANÇAS EM LUTO: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO .....</b>	<b>47</b>
<b>6. A PESQUISA .....</b>	<b>51</b>
6.1. Método.....	51
6.2. Resultados do levantamento bibliográfico .....	53
Identificação do tema e seleção da questão de pesquisa.....	53
critérios de inclusão e exclusão.....	53
Identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados .....	55
Categorização dos estudos selecionados .....	57
6.3. Análise .....	58
Análise e interpretação dos estudos selecionados .....	58
<b>7. DISCUSSÃO .....</b>	<b>65</b>
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>69</b>
<b>Referências .....</b>	<b>72</b>
<b>Anexo A: Descrição dos artigos selecionados para revisão .....</b>	<b>76</b>

## INTRODUÇÃO

*A criatividade é a expressão da presença de Deus em minhas mãos, em meus olhos, em meu cérebro, em tudo que sou. A criação é a afirmação da divindade de cada um, de sua transcendência para além da luta diária por sobrevivência e do fardo da mortalidade, um clamor de angústia e celebração.*

Joseph Zinker

Neste trabalho me proponho a pesquisar sobre o luto da criança a partir da perspectiva gestáltica. Essas duas experiências – vivência de luto e visões de homem e mundo sustentadas pela Gestalt-terapia – se justapõem e conjugam o objetivo deste estudo. Sou psicóloga clínica e em minha construção profissional me especializei em Gestalt-terapia e luto, direcionando meu trabalho à compreensão e intervenção da morte no universo da criança. Revendo essa trajetória ao desenvolver este trabalho, compreendo as escolhas profissionais e acadêmicas como possibilidade de construir um significado a minha própria experiência vivida. Cardella (2020, p. 5) ensina que “o que nos faltou ou nos machucou é motivo de busca [...] é a abertura ontológica que, a partir da precariedade nos vocaciona, estabelece um horizonte de sentido”. Partindo dessa origem, busco significar meu percurso como pesquisadora, aliando a minha pesquisa fundamentos que há anos estão presentes em minha atuação como psicoterapeuta de crianças. É fundamental nesta pesquisa meu desejo de contribuir para o crescimento e ampliação de estudos, publicações e produção científica na Gestalt-terapia, como forma de oferecer uma contribuição para essa abordagem que me acolhe com tanta generosidade e sustenta meu olhar de homem e mundo.

A Gestalt-terapia é uma abordagem fenomenológico-existencial que compreende o homem como ser-em-relação situado em um campo de forças e influências recíprocas entre o organismo e seu meio. Nesse processo, tanto o sujeito quanto o ambiente se transformam mutuamente. Os fenômenos são compreendidos, então, a partir das interações nesse campo relacional, onde o outro-humano tem papel fundamental de suporte e presença atenta e empática no processo de expressão e assimilação do luto. Para Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 166), “quando um ser amado morre, existe em conflito pesaroso entre a aceitação intelectual por um lado, desejos e memórias por outro lado; o homem comum tenta se distrair, o homem

superior obedece ao sinal e se empenha no sofrimento, recorda o passado, observa seu presente”.

Caminhos foram percorridos e transformados para a realização desta pesquisa. Desde a especialização cursada em Gestalt-terapia, o luto vem sendo para mim um tema de indagação e de crescente interesse, visto que componentes biográficos se incluem nesse chamado. Essa jornada teve início no curso de especialização em luto do Quatro Estações Instituto de Psicologia e posteriormente aprofundou-se com o ingresso no Laboratório de Estudos e Intervenção sobre o Luto, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Busquei compreender como o tema do luto vai se constelando em cada vivência e como a singularidade dessa travessia vai se evidenciando.

Compreender a experiência de luto da criança é um projeto que me acompanha há tempos. A morte é a grande certeza, ainda que mistério: paira sobre ela a incerteza sobre quando e como nós a alcançaremos. A perda está inscrita na ontologia do ser humano, porém por mais que seja condição indissociável da existência, ainda é muitas vezes ocultada, perpassada por medos, mitos e angústias. Juliano e Felipe (2017, p. 19) expõem que “é difícil enfrentar a ameaça do desaparecimento de quem se ama”. A negação do trágico e o apelo ao belo são marcas contemporâneas da sociedade: negar a morte, a tristeza, o pesar. Nas famílias, este pode ser um fenômeno recorrente, visto que apropriar-se da morte do outro traz também confronto com a própria finitude e a história de perdas ao longo da vida. Para a criança, o encontro com a morte representa desafios cognitivos, afetivos e emocionais, razão pela qual os adultos são convocados a enfrentar e fazer as pazes com seus próprios medos sobre o fim da vida para que possam sustentar a compreensão dessa realidade pelas crianças (MAZORRA, 2005; WEBB, 2010).

Pensar no enfrentamento do luto por crianças suscita questionamentos acerca de sua compreensão sobre o vivido. Ter enfrentado precocemente perdas de pessoas muito próximas em minha infância despertou-me o anseio de compreender esse fenômeno com mais profundidade. Além disso, fui despertada para a curiosidade de como crianças, em uma mesma casa, uma mesma realidade, respondem de formas distintas. Propus-me, assim, a percorrer essa seara em minha pesquisa, na qual motivações pessoais e profissionais se conjugam.

Em minha prática, observo a importância do suporte terapêutico para a criança em situação de luto e para a família. Muitas vezes, o sistema familiar como um todo chega à terapia desprovido de qualquer recurso suportivo para percorrer a experiência de luto. Cabem então a presença atenta e cuidadosa, a escuta empática, o acolhimento amoroso. Recebo a família sem

pré-julgamentos ou reservas, mas compreendendo que muitas vezes a criança, portadora de um sintoma, carrega a dor do sistema familiar enlutado e com dificuldades de se autorregular frente à perda.

Essa atitude envolve acolher o fenômeno tal como este se desvela, compreendendo que debruçar-me em estudar os processos de luto não consiste em buscar enquadramento normativo e protocolos de atendimento, mas sim ampliar a compreensão e sustentação do sofrimento, partindo de um entendimento amplo para alcançar um cuidado singular. Partir de minha prática clínica para os estudos científicos configura fazer ciência a partir da experiência, pressuposto da fenomenologia.

Em minha trajetória, venho buscando aprofundar-me neste tema, visto que tem se evidenciado em minha prática clínica como oferecer esse espaço de acolhimento que, amparado e fundamentado, contribui para a travessia do luto. O espaço de escuta amorosa e empática, continente e suportiva que sustenta e suporta a dor e confusão vividas pela criança em sua experiência de perda é essencial, ainda que esta escuta seja a da fala sem palavras, do silêncio, da expressão não verbal.

Inicialmente, o projeto de pesquisa proposto previa a observação em *setting* terapêutico de intervenções clínicas com crianças enlutadas, mas o advento da pandemia de covid<sup>1</sup> forçou à adoção de medidas inesperadas – trabalho *online*, aulas virtuais, isolamento social –, visando proteção frente a uma doença desconhecida.

Optei então por transformar o projeto, voltando-o a uma revisão integrativa de literatura. Um luto simbólico é vivido nesse processo de substituir o método, estendendo-se até o momento da assimilação de que uma revisão de literatura pode se tornar um valioso recurso para a compreensão do luto da criança e para a ampliação de estudos sobre o tema. A partir do referencial da Gestalt-terapia, busquei conhecer estudos dessa área, bem como identificar lacunas nesse campo de conhecimento, de modo a poder contribuir com a visão de avanços científicos desse tema tão relevante. Hoje entendo a importância desse trabalho, que ampliou minha visão de como ainda há possibilidades de crescimento nos estudos sobre esse tema na abordagem gestáltica.

A Gestalt-terapia se inaugura como abordagem psicológica em 1951, com a publicação de *Gestalt-terapia*, obra de Perls, Heffeline e Goodman, que chega ao Brasil em 1997. As primeiras obras com tradução em português foram *Gestalt-terapia explicada* (de Perls, em

---

<sup>1</sup> Definida pela Organização Mundial de Saúde em 11 de março de 2021, em decorrência da doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2.

1977) e *Tornar-se presente* (de Stevens, em 1988), ambas com enfoque nas técnicas, em detrimento aos aspectos teóricos. As publicações citadas, ainda que guardem seu valor, focalizam os aspectos práticos e técnicos da abordagem, o que denota que desde sua origem no Brasil a Gestalt-terapia fundamentou-se nesta perspectiva. Este dado é importante para se compreender que muito do fazer na abordagem gestáltica se circunscreve à prática clínica, com muito espaço ainda para crescer em pesquisas e publicações científicas.

Pesquisar sobre o luto da criança envolve compreender o processo de desenvolvimento infantil, visto que um dos diferenciais nos processos de luto vividos pela criança e pelo adulto é que na infância ele se elabora e significa a partir dos recursos psicológicos do momento de desenvolvimento da criança, tanto em seus aspectos afetivos e cognitivos como comportamentais. A compreensão da criança sobre o sentido da morte, sua relação com o enlutado, seu sistema de proteção e a clareza das informações recebidas acerca da morte são aspectos fundamentais a serem considerados na compreensão de seu processo de enfrentamento. Imperioso também é considerar que a criança não tem todos os seus recursos suportivos constituídos, precisando da presença de um adulto atento e sintonizado para ajudá-la a entender e nomear o vivido, para que essa experiência possa se integrar a sua psique. Quando a vivência da perda envolve rompimento de vínculo com uma figura de apego significativa, a criança pode, além dos aspectos afetivos, perder sua principal referência de segurança e deixar de contar com os recursos da família, que também estará enfrentando seu processo de luto. A depender desses fatores, a família pode estar muito fragilizada com a perda, sem disponibilidade para oferecer à criança o suporte necessário nesse enfrentamento. Neste sentido, muitas vezes se faz necessário o suporte terapêutico, que atuará como outro-suporte, sustentando a vivência do luto tanto pela criança como por sua família.

À medida que avança em seu desenvolvimento, a criança revisita a experiência da perda, construindo para esta novos significados. Bianchi e Camps (2020, p. 218) apontam que “construir um significado para a perda vem como uma necessidade de atribuir um sentido para este sofrimento avassalador”. Ampliar o olhar para esse fenômeno pode ser fundamental para amparar as sucessivas experiências de assimilação e integração do vivido pela criança.

Ela precisa ser acolhida em sua singularidade para reconstituir a experiência de base segura, para que, a partir disso, possa trazer a representação de seus afetos, questionamentos, emoções. Em um ambiente acolhedor e suportivo, em meio a uma vivência de desamparo, a criança pode sentir que seu sofrimento é compreendido (MAZORRA, 2005; BIANCHI *et al.*, 2019; FRANCO, 2020).

A presente pesquisa, que visa ampliar a compreensão do processo do luto da criança a partir do olhar da Gestalt-terapia por meio de uma revisão integrativa de literatura, está assim organizada:

O capítulo 1 apresenta o objetivo geral do trabalho.

O capítulo 2 circunscreve a preconcepção da Gestalt-terapia a partir de uma visita à biografia de Frederick Perls, descrevendo seus percursos, descobertas, experiências e ajustamentos criativos frente aos lutos enfrentados. O capítulo traz também as influências filosóficas e epistemológicas da abordagem gestáltica, descrevendo os principais conceitos que a sustentam.

O capítulo 3 focaliza a compreensão do desenvolvimento da criança a partir da Gestalt-terapia e o capítulo 4 explora o processo de luto e as especificidades vividas pela criança.

O capítulo 5 descreve o método da pesquisa e nos subsequentes apresentam-se os resultados, a discussão e as considerações finais.

Para a construção desta pesquisa, utilizamos no corpo do trabalho o termo “luto da criança”, tendo em vista que “luto infantil” poderia ser indevidamente compreendido pejorativamente, conotando infantilização da experiência de enlutamento.

A escassez de pesquisas sobre este tema sob o referencial da Gestalt-terapia justifica o desenvolvimento deste estudo, que visa ampliar a compreensão do processo de luto da criança a partir desse olhar. A investigação se propõe como contribuição para que mais trabalhos possam ser realizados, expandindo as possibilidades de intervenção na prática clínica sob abordagem gestáltica.

## **1. OBJETIVO DA PESQUISA**

### **1.1. Objetivo geral**

A presente pesquisa tem por objetivo ampliar a compreensão do processo do luto da criança, a partir do olhar da Gestalt-terapia.

### **1.2. Objetivos específicos**

- Identificar contribuições da Gestalt-terapia na clínica com crianças enlutadas.
- Identificar intervenções terapêuticas da clínica gestáltica facilitadoras do processo de luto da criança.

## 2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Os fundamentos teóricos aqui apresentados estão organizados em um conjunto que se inicia com uma antropologia da Gestalt-terapia, seguida das influências filosóficas e epistemológicas e principais conceitos da abordagem.

### 2.1. Uma antropologia da Gestalt-terapia

*Dentro e fora da lata do lixo  
 Ponho a minha criação  
 Cheia de vida, ou podre com bichos  
 Tristeza ou exaltação  
 O que tive de alegria e desventura  
 Será reexaminado;  
 Sentir-se sadio e viver na loucura  
 Aceito ou rejeitado  
 Já basta de caos e de sujeira!  
 Em vez de confusão sentida,  
 Que se forme uma gestalt inteira  
 Na conclusão de minha vida.*

*Fritz Perls*

Iniciar o desenvolvimento da fundamentação teórica a partir de uma visita ao percurso biográfico de seu fundador pressupõe compreender a base da Gestalt-terapia no vivido, sendo fiel às raízes filosóficas e epistemológicas da abordagem. Perls tem sua biografia atravessada por perdas e em sua história se evidenciam os ajustamentos criativos constituídos frente a essas experiências. O caminho escolhido para a construção deste trabalho se inicia com uma breve visita a esse percurso. Cardella (2017, p. 43) relata que, “em suas buscas, Perls criou: fez de seu sofrimento, esperança”. Para a Gestalt-terapia, sofrimento e criatividade estão relacionados: frente a uma experiência que perturbe o estado de equilíbrio, o organismo se ajusta criativamente para retomar sua autorregulação (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

Frederick (“Fritz”) S. Perls nasceu em uma família judia, em 8 de julho de 1893 em Berlim. Descrito por si mesmo como “um obscuro menino judeu de classe média”, viveu uma relação próxima com a mãe, mulher engajada em movimentos artísticos e sociais, e distanciado do pai, sobre o qual descreveu sentir ódio (HELOU, 2015; PERLS, 1979).

Perls já estava na escola de medicina na eclosão da Primeira Guerra Mundial. Helou (2015, p. 31) destaca a memória de Perls a respeito desse momento, sobre o qual escreveu: “1914 – o mundo explode. A agonia da vida nas trincheiras. Dessensibilizado. Horror da vida e horror da morte. Confuso”. Perls, tal qual toda uma geração, é enviado ao *front* de batalha, entre 1916 e 1918. Apesar deste fato, ainda que com interrupções, consegue concluir seus estudos de medicina em 1920.

O ano de 1926 marca também o início de sua atuação como assistente de Kurt Goldstein, trabalhando com soldados que haviam sofrido lesão cerebral, experiência fundamental em uma das importantes influências na Gestalt-terapia: a teoria organísmica. Nesse contexto conhece Laura Perls, aluna de Wertheimer e Gelb, estudiosos da psicologia da Gestalt. Perls e Laura se casam em 1930, vivendo uma vida atravessada por diferenças, conflitos e parcerias intelectuais.

O ano de 1933 anuncia mais uma catástrofe: Adolf Hitler torna-se embaixador do Terceiro Reich. Nesse momento, Perls foge para a Holanda. Em 1939, eclode a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com consequências trágicas para toda a humanidade. Perls já vivia com a família na África do Sul, onde funda o Instituto Sul-Africano de Psicanálise.

No mesmo ano é convidado a palestrar no Congresso Internacional de Psicanálise na Tchecoslováquia, apresentando o trabalho intitulado *Resistências orais*, recebido com grande desaprovação por seus colegas. Rememora esse ano como momento de rompimentos e decepções, entre as quais figura seu reencontro nesse congresso com Reich e seu encontro com Freud em Viena. Sobre este encontro, escreve ter sido uma Gestalt aberta em sua vida, fechando seu relato sobre ele com “descanse em paz, Freud, seu gênio-santo-demônio-cabeçudo” (PERLS, 1979, p. 61). Publica, a partir desse trabalho, o livro *Ego, fome e agressão*.

O final da Segunda Guerra Mundial e os indícios de fascismo se delineando na África do Sul motivam os Perls a mudarem-se para os Estados Unidos em 1946. Este é um momento fundamental para a consolidação da Gestalt-terapia. Em Nova York, em 1950, o Grupo dos Sete, em que Fritz e Laura Perls, Paul Goodman, Isadore Fromm, Paul Weisz, Elliot Shapiro e Sylvester Eastman se associam, com a adesão posterior de Ralph Hefferline. Em 1951, Perls, Hefferline e Goodman publicam o livro *Gestalt-terapia*. Esta abordagem terapêutica se inaugura então como uma vertente no âmbito da psicologia. Perls continua seus trabalhos, iniciando institutos de formação em Gestalt-terapia e divulgando pelo mundo essa teoria. Percorre templos budistas no Japão e *kibutz* em Israel. Em 1964, encontra morada no Instituto

Esalen, e relata: “O cigano encontrou um lar e em pouco tempo, uma casa. Encontrou também outra coisa. Descanso para um coração doente”.

Em 1969 estabelece em Lake Cowichan (Canadá), seu *kibutz* de formação para terapeutas. Vive pouco para acompanhar a concretização de seu projeto: aos 76 anos, no Canadá, morre de ataque cardíaco, em 14 de março de 1970. A autópsia revelou câncer pancreático. Três dias depois, seu obituário é publicado no *New York Times* (HELOU, 2015, p. 79):

*Morre aos 76 anos o dr. Frederick Perls, idealizador da Gestalt-terapia*

Frederick Perls, um dos fundadores da escola gestáltica de psicoterapia, morreu de insuficiência cardíaca neste sábado, após realizar cirurgia no Memorial Hospital Louis A. Weiss, em Chicago. Ele tinha 76 anos e morava em Lake Cowichan, Vancouver, Colúmbia Britânica, onde tinha acabado de fundar uma comunidade para terapeutas.

A experiência com perdas é pano de fundo na trajetória de Perls. A teoria por ele criada, em vez de ter como figura o adoecimento e seus sintomas, busca a saúde, a potencialidade para transformar o meio, acreditando que o homem se ajusta à realidade da melhor forma possível, em cada momento da vida. De suas chegadas e partidas, idas e vindas, inaugura os pressupostos da abordagem gestáltica, que parte, assentada em sua base fenomenológica, da experiência para a construção do conhecimento. Vida e obra se conjugam neste percurso.

A biografia de Perls mostra sua busca por um lugar de pertencimento no mundo. Segundo Cardella (2017, p. 131), Perls “esteve ao longo de toda sua vida em busca de um *lugar humano*, de um lugar capaz de produzir gente *real*, como ele mesmo dizia, um lar espiritual, anseio ontológico do ser humano”.

## 2.2. Gestalt-terapia: desenvolvimento conceitual

*Homem, ser no mundo,  
sujeito de sua existência  
em busca de sua verdade  
criativamente transformando seu mundo  
e sendo transformado por ele,  
debatendo-se em contradições, divisões e  
confusões,  
enroscando-se em estereótipos e paralisando-se  
em repetições  
ao longo do caminho*

Therese A. Tellegen

### INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS E PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS

A Gestalt-terapia nasceu como abordagem influenciada pela psicanálise, holismo, teoria de campo, existencialismo dialógico, teoria organísmica, psicologia da Gestalt e fenomenologia. Entende o homem a partir de uma perspectiva holística situada em um campo organismo-ambiente, em um processo contínuo de transformação mútua.

No início do século XX, Wertheimer, Köler e Koffka desenvolvem a psicologia da Gestalt, com base em estudos da percepção, debruçando-se nas estruturas psicológicas e fisiológicas desta, bem como sobre as relações do organismo com seu meio. Essa teoria tem por pressuposto central que o todo é maior que a soma de suas partes.

A palavra alemã *Gestalt* é definida por Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 19) como “uma forma, o modo particular de organização das partes individuais que entram em uma composição”.

Entre as influências da psicologia da Gestalt na construção da Gestalt-terapia como abordagem psicológica está a percepção de figura e fundo: quando algo se destaca, torna-se figura e o restante se desloca, adquirindo o caráter de fundo. Estas unidades não são independentes e estáticas, mas alternam-se e se inter-relacionam em uma vivência saudável.

O conceito de campo é central na Gestalt-terapia, que compreende que todo fenômeno deve ser observado em contexto. Lewin, citado por Elídio (2013), considera “campo” o espaço vital da pessoa. Para Yontef (1998, p. 185), “um campo é uma teia sistemática de relacionamentos [...] uma totalidade de forças mutuamente influenciáveis, que em conjunto formam uma fatalidade interativa unificada”.

Parlett (1991) expõe que a teoria de campo focaliza a inter-relação entre os eventos e as circunstâncias nas quais estes ocorrem. Desta forma, o campo indivíduo-ambiente se constela em uma reciprocidade de influências. Esta visão pressupõe um olhar integrado para os elementos que constituem esse campo, em vez de observá-los isoladamente. O olhar de campo é o que privilegia a percepção para a totalidade da situação, incluindo o contexto em que ocorre o fenômeno.

De acordo com Alvim (2018, p. 333), esse enfoque possibilita “uma compreensão da existência como processo temporal, indissociável da experiência no mundo, uma concepção de nossa condição existencial ser-no-mundo-com-o-outro”. A teoria de campo fundamenta conceitos essenciais à compreensão da abordagem gestáltica, como contato e fronteira de contato, posto que todo fenômeno é observado a partir do campo vivencial.

Sustentada na compreensão de campo como teia de relacionamentos, é fundamental para a construção da abordagem gestáltica a filosofia dialógica de Martin Buber, que compreende a relação como centro do diálogo humano. O homem, na perspectiva dialógica, só pode ser concebido *em relação*: para que a existência humana se inaugure, é necessário que outro ser humano confirme essa existência. A presença do outro, é, portanto, constitutiva do ser.

A base dialógica tem duas dimensões de diálogo que constituem a existência humana, representadas pelas palavras-princípio EU-TU e EU-ISSO (BUBER, 1965). Na perspectiva EU-TU, a alteridade é respeitada e confirmada, em uma relação de abertura ao encontro, sem intencionalidades ou procuras, que reverencia o mistério da existência do outro em sua singularidade. Ambas as posições são necessárias e sua alternância configura uma existência saudável. Ainda que a alternância seja necessária, quando neste movimento prevalece a relação EU-ISSO ocorre objetificação das relações.

A relação EU-TU se dá no encontro genuíno, na esfera do *entre*, que abrange mais que dois indivíduos ou sua soma: ela constitui a relação. Juliano (2010, p. 38) fala sobre o *entre* como uma “realidade maior do que a soma de seus membros individuais [...] requer uma presença consistente e aberta, com pouco ou nenhum objetivo autocentrado”. Em sua filosofia poética, Buber, citado por Hycner (1995, p. 25), assim define a dimensão do *entre*: “do lado de lá do subjetivo, do lado de cá do objetivo, na vereda estreita onde EU e TU nos encontramos, aí fica o reino do *entre*”.

A Gestalt-terapia, em sua base dialógica, compreende a relação como fundamento do encontro, destacando a importância de uma presença autêntica e genuína, que receba e

reverencie a alteridade. Compreende, de acordo com Juliano (2010, p. 38), que “a individualidade é somente um dos polos de uma alternância rítmica entre separação e relação”. Desta forma, a concepção de presença é compreendida como mais que um *rapport*.

Segundo Hycner (1995, p. 25), “estar totalmente presente já é reverenciar.” Essa presença possibilita a inclusão, que Buber (1965) diferencia da empatia, ao considerar que a empatia envolve colocar-se no lugar do outro, ao passo que a inclusão se refere a voltar-se ao outro, sem, porém, perder o próprio lugar. Ambas as experiências são consideradas e incluídas neste encontro inter-humano (HYCNER, 1995).

Neste sentido, a filosofia dialógica considera fundamental a confirmação do outro em sua singularidade. O ato de acolher, validar e legitimar o sofrimento do outro reconhece e possibilita o contato com a experiência no campo relacional, em uma vivência de totalidade.

Amparada na totalidade está a perspectiva holística desenvolvida em 1926 por Smuts (1998), que compreende o ser em sua totalidade, apontando que o todo é diferente da soma de suas partes, fundamentando a visão de homem e mundo da Gestalt-terapia. Esta se sustenta na visão de que não se pode ter conhecimento do todo por meio de suas partes, pois o outro é todo, e não meramente uma soma de partes.

Além do holismo, Perls foi fortemente influenciado pelo trabalho de Kurt Goldstein (1878-1965), médico que realizou pesquisas com soldados que haviam sofrido lesões cerebrais na Primeira Guerra Mundial. A partir de uma observação holística, compreendida por Goldstein como fundamento para a teoria organísmica (LIMA, 2013), percebe que, frente às sequelas da guerra, todo o organismo se reconfigura em busca de autorregulação.

Para Perls (2002, p. 71):

As funções mais e menos do metabolismo representam a atividade da tendência básica de todo o organismo de busca de equilíbrio. Alguns acontecimentos tendem a perturbar o equilíbrio do organismo a cada momento e simultaneamente urge uma contratendência para recuperá-lo.

Lima (2013, p. 151) salienta que “a crença no processo autorregulador como inerente à condição do ser humano é constitutiva de nosso campo epistemológico”. Há então uma tendência inata a reorganizar-se frente aos desequilíbrios enfrentados, em um conjunto de ajustamentos buscando autoatualização e retomada do equilíbrio homeostático, possibilitando crescimento.

A Gestalt-terapia se ampara no fenômeno que se desvela na experiência, sem pretender explicá-lo ou interpretá-lo a partir de pressupostos estabelecidos, mas compreendendo a experiência singular da existência humana. Perls (1979, p. 70) afirma em sua autobiografia que

“a fenomenologia é o passo básico e indispensável no sentido de sabermos o que é possível saber”. Na Gestalt-terapia, a fenomenologia proporciona um método que não busca a interpretação ou análise do fenômeno, mas sim sua descrição e compreensão. Rehfeld (2013, p. 31) aponta que “a compreensão é mais originária que a interpretação”.

## OS PRINCIPAIS CONCEITOS

A Gestalt-terapia tem como um de seus fundamentos o encontro, a interação humana, em que o contato pressupõe transformação recíproca. Polster e Polster (2001), ao falarem sobre contato e mudança, explicitam que essa transformação ocorre sem que se precise buscá-la, visto que todo contato envolve mudança. Consideram que “o contato é o sangue vital do crescimento, o meio para mudar a si mesmo e a experiência que se tem do mundo” (p. 113). O homem está em constante contato consigo mesmo, com os outros e com o ambiente, em uma transformação mútua. O homem transforma e é transformado à medida em que o contato ocorre. O contato é, portanto, conceito central nesta abordagem, como são os de fronteira e funções de contato. O fluxo e a mobilidade são características de um contatar saudável e estão relacionados aos recursos auto e heterossuportivos de que o indivíduo disponha em cada momento da vida (PINTO, 2015). O contato é o processo contínuo de transformação e crescimento na troca com o ambiente, no qual paradoxalmente se conjugam encontro e separação.

Ciornai (2004) aponta que o contato ocorre na fronteira entre o eu e o não-eu, em um campo organismo-ambiente. Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 41) discorrem sobre a dimensão da experiência do contato:

A experiência se dá na fronteira entre o organismo e seu ambiente, primordialmente a superfície da pele e outros órgãos de resposta sensorial e motora. A experiência é função desta fronteira, e psicologicamente o que é real são as configurações “inteiras” desse funcionar, com a obtenção de algum significado e a conclusão de alguma ação.

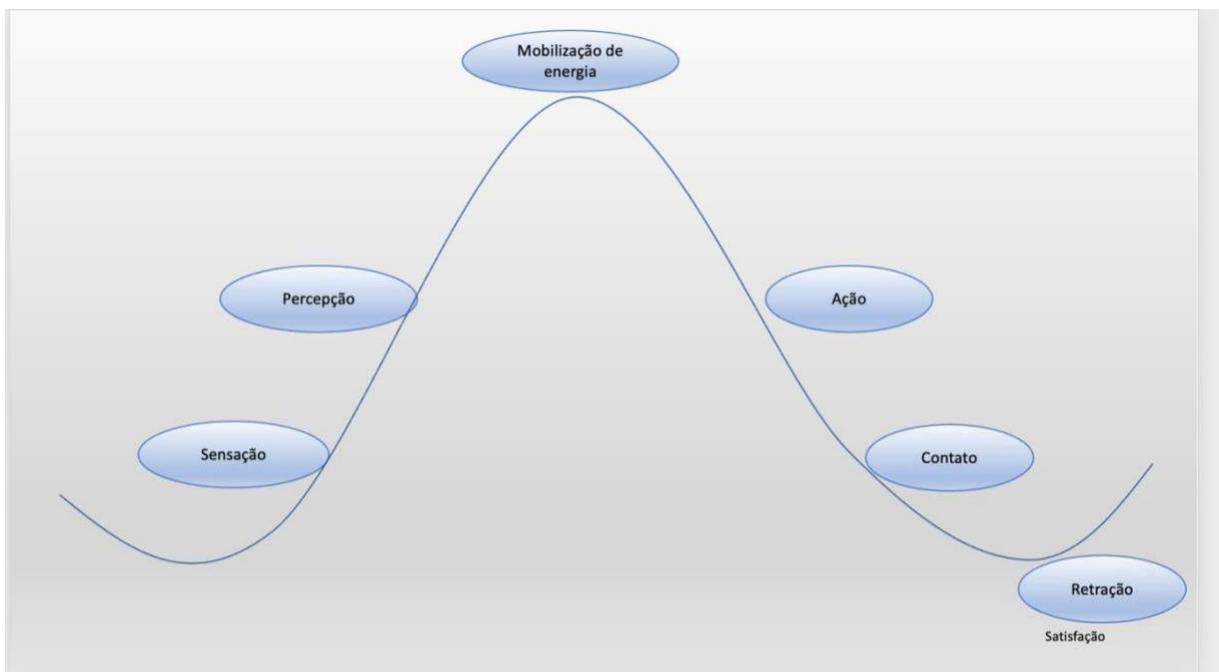
Para Hycner e Jacobs (1997), a fronteira não apenas marca a separação, mas também o espaço do *entre*, compreendido na perspectiva dialógica como encontro relacional entre duas pessoas, maior que cada uma delas e que a soma de ambas. O dialógico consiste então na compreensão do *entre*, no lugar do encontro inter-humano (BUBER, 1965; HYCNER, 1995; HYCNER; JACOBS, 1997).

Sendo o contato um conceito central na abordagem gestáltica, faz-se necessário compreender como se dá o contato do homem e quais são os modos básicos de que este dispõe para contatar o outro, o ambiente e a si mesmo. Tal processo ocorre através das funções de

contato: olhar, ouvir, tocar, falar, mover-se, cheirar e provar. Polster e Polster (2001) apontam que é por meio destas funções que o contato ocorre, e que os desequilíbrios nestas funções evitam o contato. Deve-se considerar que nem todo contato é saudável, da mesma forma que nem toda evitação constitui adoecimento. Através do contato, o homem assimila e transforma o mundo e a si mesmo, constituindo seu campo de experiências.

Buscando ampliar a compreensão do contato, Zinker (2007) desenvolve o ciclo do contato, que representa graficamente a forma como o homem entra em contato, significa as experiências e as assimila. Tal ciclo abrange as etapas de sensação, *awareness*, mobilização de energia, ação, contato e retração. De acordo com esta perspectiva, uma necessidade emerge como figura, por meio de uma sensação vivida no corpo. Ao perceber esta sensação, ocorre uma mobilização de energia buscando empreender uma ação para que esta necessidade seja satisfeita, efetivando o contato. A satisfação da necessidade possibilita ao organismo retomar o estado de retração, até o surgimento de uma nova necessidade.

**Figura 1.1. Ciclo de contato.**



Fonte: Adaptado de Zinker (2007).

Este processo é cíclico e constitui o fluxo figura-fundo: uma necessidade surge como figura e para que esta seja atendida esse ciclo da experiência é percorrido, até que se alcance retração. O fluxo contínuo de formação de figura-fundo permite que o homem entre em contato com suas necessidades e busque recursos para satisfazê-las. A Gestalt-terapia inclui a

importância de considerar o fundo do qual emerge a figura, visto que todo fenômeno deve ser compreendido a partir do contexto. Há funcionamento saudável quando figura e fundo se alternam e o ciclo de destruição e construção de novas figuras é contínuo. Ginger e Ginger (1995) salientam que, embora a Gestalt-terapia inclua figura e fundo, seu foco está em como se constitui essa inter-relação.

Nesse fluir do ciclo de contato, um dos pressupostos é que o homem se torne *aware* de suas necessidades e dos recursos que necessitam ser constituídos para satisfazê-las. É uma forma de o homem entrar em contato com a totalidade do ser e, mais que um processo apenas mental, envolve aparato sensorio motor e experiências emocionais. A Gestalt-terapia busca possibilitar um fluxo contínuo de *awareness*, para que através do resgate e ampliação da consciência o indivíduo se integre e se aproprie de si mesmo. Pode-se ter contato sem *awareness*, mas, para que ocorra *awareness*, sempre deverá haver contato. De acordo com Yontef (1998, p. 215), *awareness* é o “processo de estar em contato vigilante com o evento mais importante do campo organismo/ambiente, com total apoio sensorio motor, emocional, cognitivo e energético”. Para Zinker (2007, p. 108), “*awareness* é uma benção, porque me permite entender o que está se passando dentro de mim – e o que posso fazer para me sentir melhor”.

No ciclo de contato também reside a visão de saúde e doença em Gestalt-terapia e a compreensão de que o adoecimento está nas paralisações do fluir desse ciclo, em decorrência de ajustamentos cristalizados que impedem o movimento, o pleno percurso do ciclo de contato. É importante considerar que essas interrupções de contato são caracterizadas como funcionamento não saudável apenas quando se tornam respostas padronizadas e repetitivas em vários contextos da vida do indivíduo, ou seja, quando estas se tornam ajustamentos criativos disfuncionais ou cristalizados.

Cardella (2017) aponta como ajustamento criativo a capacidade do homem de tornar subjetivas suas experiências de contato com o meio, em uma dialética de ajustar-se ao conhecido e criar novas formas, ou seja, um movimento de continuidade e transformação.

Este é um dos conceitos centrais da abordagem, e pode ser descrito como a melhor forma encontrada pela pessoa para lidar com determinada questão em determinado momento da vida. Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 51) frisam que “a psicologia é o estudo dos ajustamentos criativos. Seu tema é a transição, sempre renovada, entre a novidade e a rotina que resulta em assimilação e crescimento”. Entendemos, porém, que quando esta forma de resposta se torna repetitiva em outros contextos e situações, o indivíduo cristaliza um padrão

de resposta, tornando disfuncional esse ajustamento criativo, por paralisar a fluidez do ciclo de contato.

O homem busca, através de seus ajustamentos criativos, a autorregulação organísmica, em uma tendência de atualizar a si mesmo e seu meio, buscando a retomada do estado de equilíbrio frente a perturbações. É este processo que permite que as necessidades sejam satisfeitas. Frente ao desequilíbrio causado por perturbações oriundas do meio, há um movimento inato de constituição de ajustamentos criativos para adaptação à nova forma, em um processo contínuo de autoatualização,

Destaque-se que estes ajustamentos podem ser alcançados por meio de recursos auto ou heterossuportivos. A Gestalt-terapia conceitua o suporte de duas formas: autossuporte, que consiste em recursos de enfrentamento já assimilados, e heterossuporte, que conta com recursos do ambiente para que as necessidades possam ser atendidas.

Neste sentido, é importante salientar que o autossuporte é constituído a partir de uma experiência relacional heterossuportiva – ou seja (como será detalhado no próximo capítulo), para que uma criança desenvolva seus recursos suportivos, precisa inicialmente de um adulto atento a suas necessidades para sustentar que estas possam ser satisfeitas. Fundamental também é a compreensão da psicoterapia gestáltica sustentada nesta visão. Cardella (2017, p. 185) aponta que “a psicoterapia é restauração do poder de ajustamento criativo do paciente, processo de autorrealização e atualização de suas potencialidades criativas”.

### 3. O DESENVOLVIMENTO INFANTIL SOB O OLHAR DA GESTALT-TERAPIA

*Eu sou pequeno, me dizem,  
e eu fico muito zangado.  
Tenho de olhar todo mundo  
com o queixo levantado.*

*Mas, se formiga falasse  
e me visse lá do chão,  
ia dizer, com certeza:  
— Minha nossa, que grandão!*

Pedro Bandeira

A literatura gestáltica voltada à prática clínica com crianças tem início em 1978, com a publicação do trabalho de Violet Oaklander intitulado *Descobrendo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*, obra em que se propôs a apresentar possibilidades interventivas na prática, por meio de técnicas e recursos terapêuticos, sem, porém, oferecer uma fundamentação teórica. Ainda assim, seu trabalho e metodologia são para muitos a “bíblia” da Gestalt-terapia com crianças, atribuição questionada por autores da Gestalt-terapia que apontam a importância de uma sustentação teórica que respalde as intervenções propostas na clínica (AGUIAR, 2014; PAJARO, 2015).

Por muito tempo, o desenvolvimento da criança não constituiu tema de pesquisas; ao inverso, foi tema de discordância. Aguiar (2014) aborda em seu livro *Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática* a discussão sobre uma teoria de desenvolvimento em Gestalt-terapia. Embora a abordagem considere que o desenvolvimento humano não obedece a estágios fixos e universais, visto que se ampara em um olhar para a singularidade, é possível estabelecer uma compreensão de desenvolvimento como “um processo singular e infinito, a partir do biológico e do social em permanente interação, num constante diálogo entre todos os elementos do campo” (AGUIAR, 2014, p. 25).

A visão de desenvolvimento sustentada na presente pesquisa se ampara nessa perspectiva relacional e não normativa, percorrendo autores na abordagem gestáltica que se debruçaram nesse tema, contribuindo com a construção de uma visão de desenvolvimento não

determinista nem reducionista, mas sim fundamentada nas bases filosóficas e epistemológicas da Gestalt-terapia. Ajzenberg *et al.* (1995; 1998; 2000), Antony (2006), Aguiar (2014) e, mais recentemente, Poppa (2013; 2018) trazem contribuições valiosas, entendendo o desenvolvimento a partir de uma perspectiva relacional, em um diálogo com os conceitos e pressupostos da Gestalt-terapia, mas considerando a importância desse olhar para uma compreensão mais ampla da infância (POPPA, 2018).

Ajzenberg *et al.* (1995; 1998; 2000), movidas pela inquietação de construir uma fundamentação para a clínica com crianças, tecem diálogos entre a Gestalt-terapia e a Teoria do Apego, desenvolvida por John Bowlby. Seus artigos são ainda hoje base para estudos nesse campo, fundamentando investigações posteriores. Compreendem o desenvolvimento como “processos circulares sucessivos de ajustamentos criativos que só podem ser compreendidos, portanto, sob o enfoque relacional” (AJZENBERG *et al.*, 1998, p. 2), pressupondo um processo de vinculação afetiva constituído a partir das relações primárias que atuam como base para a autorregulação. Para Antony (2012, p. 38), “um vínculo impõe um sujeito em conexão com o outro [...] bebê e a mãe formam um corpo de vínculo, no qual há um cuidador que recebe e responde aos apelos sensoriais e afetivo-emocionais do bebê”.

Aguiar (2014, p. 10) aponta que crescimento e desenvolvimento são processos constituídos temporalmente, “*na e a partir da relação*” (grifo no original). A compreensão do desenvolvimento da autora dialoga com a sustentada por Perls (1977), em que o suporte oferecido pelo ambiente é gradativamente internalizado e transformado em autossuporte. A criança tece vínculos afetivos com seus cuidadores, internalizando a partir dessas matrizes relacionais a segurança de sustentar seus ciclos, realizando ajustamentos criativos em busca de satisfazer suas necessidades e constituindo seu autossuporte.

Nesse olhar, entende-se que os cuidados ofertados à criança em seus primeiros anos, quando ainda não tem recursos próprios para satisfazer suas necessidades, são a base para seu desenvolvimento. Crescimento e desenvolvimento não são vistos, portanto, como instância intrapsíquica, mas como experiência relacional. Antony (2012) ressalta que somos, em nossa ontologia, seres em relação. O cuidado ofertado à criança busca, então, “sustentar o ciclo de contato do bebê ao reconhecer, decodificar e satisfazer suas necessidades” (POPPA, 2018, p. 63).

Para Antony (2006, p. 4):

[...] o desenvolvimento humano entrelaça diversas histórias de vida, sendo resultado de múltiplas coexistências, onde todo fenômeno psicológico emerge

da correção entre dois ou mais organismos, da troca emocional vivida no campo experiencial entre eu-outro.

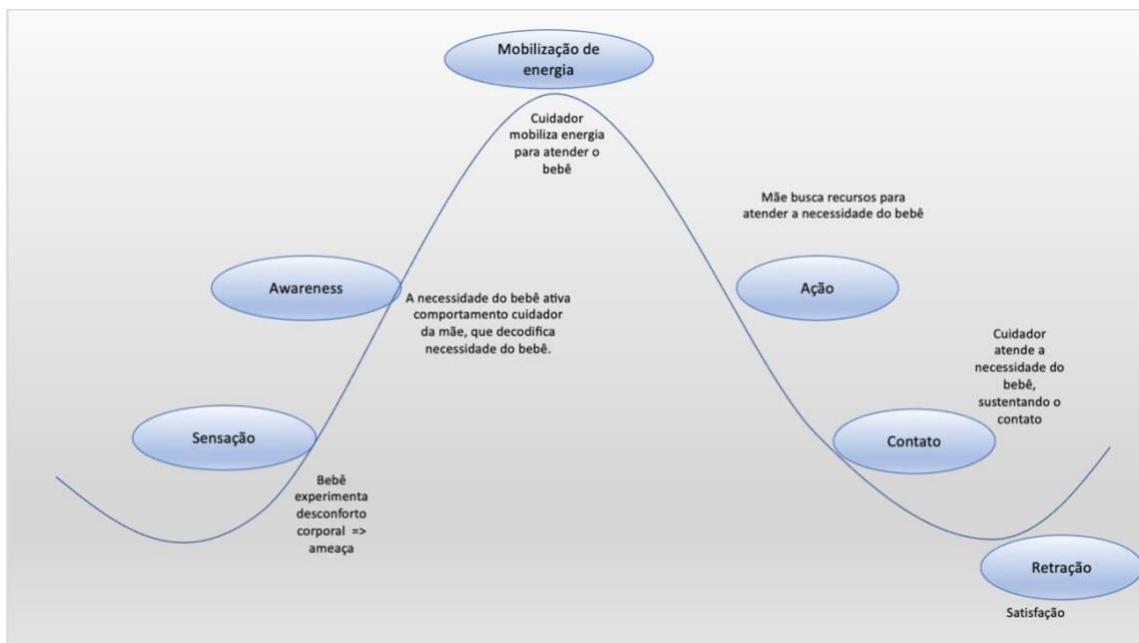
O olhar da Gestalt-terapia compreende que crescimento e desenvolvimento são constituídos na fronteira de contato. Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 43) salientam que a fronteira de contato “não *separa* o organismo e seu ambiente; em vez disso limita o organismo, o contém e protege, *ao mesmo tempo* que contata o ambiente” (grifos no original). A fronteira conjuga experiência e diferenciação. Cardella (2017, p. 125) esclarece que “o crescimento acontece e se constitui na experiência, que é o que ocorre *Entre* o eu e o não-eu” (grifo no original). É a partir da qualidade dessa experiência que a criança vai se reconhecendo e se diferenciando da mãe, constituindo sua autonomia.

Entretanto, para que esse autoapoio se constitua, é imprescindível a presença de um adulto atento e sintonizado com as necessidades da criança, que possa sustentar seu percurso no ciclo de contato (POPPA, 2018). Desenvolve-se assim na criança o senso de segurança que lhe permite percorrer seus ciclos e alcançar o repouso, possibilitando-lhe a constituição de autonomia, fronteiras de contato e ajustamentos criativos. Ainda que inicialmente a presença dos cuidadores seja fundamental para que a criança constitua seus recursos autossuportivos, à medida que esse desenvolvimento vai se configurando passa a ser fundamental que os cuidadores estimulem a autonomia da criança, para que esta possa diferenciar eu e não-eu, constituindo assim sua fronteira de contato. Este é o processo de amadurecimento descrito por Perls (1977, p. 49): “amadurecer é transcender do apoio ambiental para o autoapoio”. Para que tal processo de crescimento ocorra, é necessário que os seguintes aspectos sejam atendidos (POPPA, 2018):

1. Necessidade de presença de um cuidador atento e sintonizado com as necessidades da criança no percurso do ciclo de contato e na integração psicossomática.
2. Essa presença possibilita à criança constituir um sentido de confiança e alcançar o repouso (retração) nos ciclos de contato.
3. Processo de separação: a possibilidade de percorrer os ciclos de contato com autonomia e o brincar como experiência de abertura para o inter-humano, em equilíbrio entre intimidade e exploração.
4. Constituição da fronteira de contato e desenvolvimento da capacidade de realizar ajustamentos criativos saudáveis.
5. Constituição do si mesmo e desenvolvimento do senso de responsabilidade.

Nessa proposta, a criança, para percorrer seus ciclos de forma autônoma, precisa anteriormente da presença de um adulto disponível e sintonizado com suas necessidades, capaz de identificá-las, decodificá-las e de mobilizar sua energia para satisfazê-la, sustentando assim o contato. Quando essa necessidade é satisfeita, criança e mãe entram em retração, até que uma nova necessidade surja como figura. A Figura 3.1 esquematiza como a criança manifesta suas necessidades, despertando em seu cuidador o comportamento de cuidado, ou seja, o heterossuporte para satisfação dessas necessidades.

**Figura 3.1. Movimento exercido pelo cuidador.**



Fonte: Adaptado de Poppa (2018).

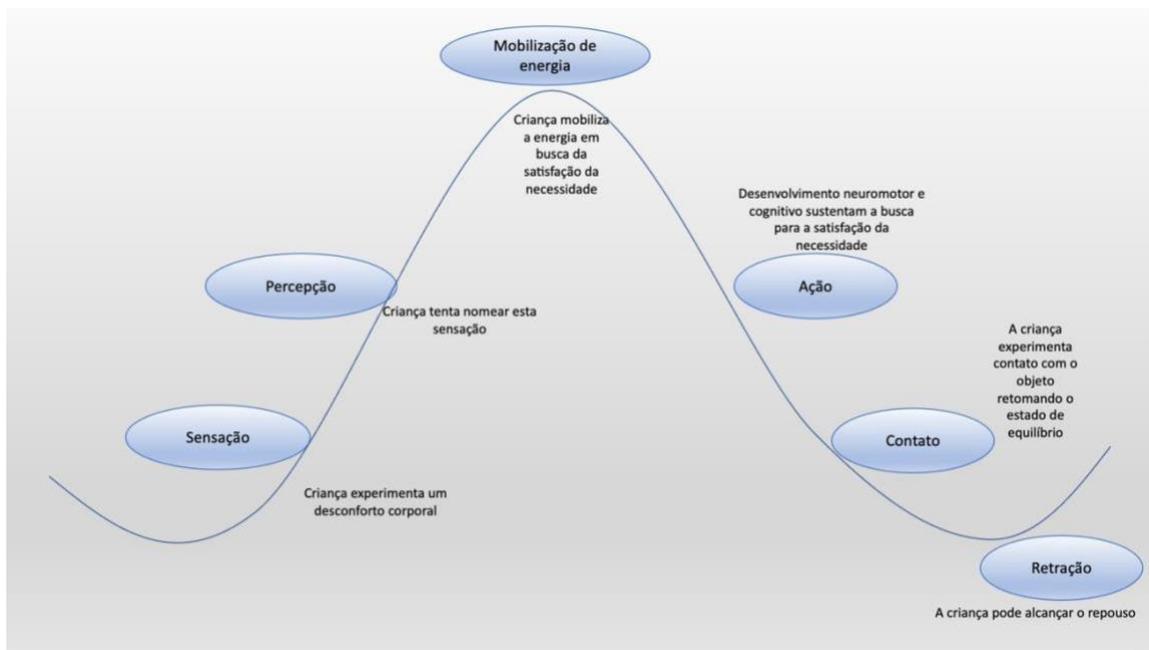
A sustentação desse cuidado no espaço e tempo, em que o cuidador oferta seu heterossuporte, cria uma matriz vincular afetiva com a criança e favorece que esta vá constituindo sua subjetividade, autossuporte e capacidades de ajustamento criativo, possibilitando que posteriormente mobilize recursos próprios para satisfação de suas necessidades, de forma autônoma. Essa matriz vincular desenvolvida na relação com o cuidador poderá possibilitar, em fases posteriores da vida, formas mais saudáveis de autorregulação, bem como influenciar as relações estabelecidas durante a vida (AJZENBERG *et al*, 2000).

Partimos, portanto, do referencial gestáltico, em que a autonomia é constituída em relação com o outro. A criança que recebe essa qualidade de cuidados, constante em espaço e tempo, vivencia e internaliza uma sensação de confiança em que o desconforto que sente é temporário e de que suas necessidades podem ser atendidas, para que retome o estado de

homeostase. É este senso que vai constituindo a confiança que permite que o repouso seja alcançado. De acordo com Ajzenberg *et al.* (1998, p. 20):

Após a apropriação dos seus ciclos de contato e da possibilidade de percorrê-los com fluidez, da constituição de uma fronteira de contato permeável e dos ajustamentos criativos que começa a realizar, a criança, atenta às reações que provoca no meio e nos seus cuidadores, acumula representações sobre si mesma e, aos poucos começa a desenvolver uma *awareness* mais reflexiva.

**Figura 3.2. Constituição do autossuporte.**



Fonte: Adaptado de Poppa (2018).

A ausência do cuidado pode interferir no processo de constituição da subjetividade, a partir das interrupções no ciclo do contato, o que favorece ajustamentos criativos mais disfuncionais, cristalizações e impossibilidades de alcançar o repouso. A partir desta compreensão, podemos pensar que na ausência desses cuidados constitutivos a criança encontrará maiores dificuldades em seu desenvolvimento e na construção de relações futuras. A criança também não assimila que seu desequilíbrio é passageiro, o que afeta sua capacidade de autorregulação (POPPA, 2018).

Sendo assim, pode-se pensar que, quando a criança vive a ausência de uma figura de cuidado, esse processo de desenvolvimento poderá ser afetado. Ainda que nos momentos iniciais de vida essa presença seja mais necessária, visto que a criança em seus anos iniciais não tem recursos para atender suas necessidades, os desafios e exigências da vida também vão sendo maiores, requerendo maior repertório de recursos. Nesse contexto, os recursos suportes da

criança podem não ser suficientes para enfrentar a perda de uma pessoa significativa, trazendo a necessidade de suporte ambiental.

Fernandes (2010, p. 188) aponta uma perspectiva gestáltica de aspectos do desenvolvimento humano, listando os seguintes fatores a serem considerados:

- Trânsito do pensamento mágico e onipotência para potência e ação.
- Figuras desordenadas e desconexas para contornos claros, delimitados e inter-relacionados.
- Da experiência concreta para a abstração e ampliação de perspectivas.
- Da impulsividade para a reflexão e maturidade.
- Do egocentrismo para a inclusão do outro.
- Da dependência para a autonomia e interdependência.
- Da conexão com o imediato para uma conexão com outros seres humanos, ambiente ecológico e espiritualidade.

No próximo capítulo, será abordado o processo de luto a partir de uma perspectiva gestáltica, buscando ampliar a compreensão de como a criança pode vivenciar a experiência da perda, para poder construir formas de contribuir na facilitação desse processo.

## 4. O PROCESSO DE LUTO: UMA VISÃO GESTÁLTICA

*Na minha vida, muitas vezes escapei da morte e muitas vezes ansiei por ela.*

Perls (1979)

### 4.1. Uma compreensão gestáltica do luto

O luto vem sendo estudado a partir de diferentes olhares e pressupostos desde a obra *Luto e melancolia*, de Sigmund Freud, escrita em 1915 e publicada em 1917. Bowlby (1990), teórico inglês que concebe, em meados de 1950, a Teoria do Apego, apresenta o luto como processo de rompimento de um vínculo significativo. Para Parkes (1998, p. 170), o luto refere-se a um “processo de aprendizagem pelo qual cada mudança resultante é progressivamente compreendida e é estabelecido um novo conjunto de concepções sobre o mundo”. Franco (2020) aponta que no processo de luto a pessoa perdida ganha novo lugar nos afetos, aspectos cognitivos e comportamentos da pessoa em luto. Compreende-se então o luto como um processo natural e ativo de elaboração psíquica de uma perda significativa.

São recentes os estudos sobre o luto a partir de uma perspectiva gestáltica. A obra inaugural da abordagem, *Gestalt-terapia* (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 213) conceitua o luto como “a tensão da perda ou a falta da aceitação da ausência do objeto no campo, para nos retirarmos e nos recuperarmos”. Esse olhar pressupõe compreender que perder o outro irá requerer um processo de elaboração, de restauração do equilíbrio perdido. Karina Fukumitsu (em estudos de 2012 a 2019) e Karen Scavacini (em publicações de 2014 a 2019) vêm contribuindo com um olhar da abordagem sobre os processos de morte e morrer por meio de estudos sobre prevenção e posvenção de suicídio. Freitas (2013) traz luz à construção de um olhar fenomenológico do processo de luto. Concebe esse processo como a ausência do TU na relação EU-TU, apontando que a morte de uma pessoa significativa não consiste apenas na perda de um ente, mas também da parte de si construída nessa relação. Mais recentemente, Bianchi e Camps (2020) e Bianchi *et al.* (2019) salientam a importância dos recursos heterossuportivos no enfrentamento do luto, que possibilitem sustentar o trânsito entre a dor e a esperança em um processo de autorregulação orgânica.

A Gestalt-terapia sustenta que sofrimento e criatividade se encontram: frente às dores da vida, novas formas de enfrentamento precisam ser criadas para dar conta do vivido. Para Bianchi e Camps (2020, p. 223), o crescimento pode ou não ser alcançado na vivência do luto, mas “a Gestalt-terapia nos aponta para esta concreta possibilidade de ressignificar a si próprio e ao viver quando de uma entrega ao conflito em um *continuum* de *awareness*”. Juliano (1999, p. 139) relata que “não existem marcos importantes em nossas vidas que não estejam acompanhados de sentimentos de morte, porque não existe crescimento sem finalizações e perdas”.

A compreensão gestáltica parte de uma tendência do organismo em retomar seu estado de homeostase quando ocorre um evento gerador de desequilíbrio. Perls (1992) afirma que vida e crescimento se relacionam à possibilidade humana de restauração do equilíbrio frente aos desequilíbrios. Podemos então considerar que o luto é um processo contínuo de mudanças, no qual novos ajustamentos precisam ser criados para enfrentar o desequilíbrio causado pela experiência da perda, buscando a retomada dos processos autorregulatórios. Uma experiência dessa intensidade transforma nossa forma de viver, bem como os sentidos que damos a nossa existência, aos outros e ao mundo. Freitas (2010, p. 35) aponta que “a morte em si mesma não tem um sentido, mas permite sentidos àqueles que a partir da possibilidade do fim estabelecem uma nova relação com a própria vida e com a própria existência”.

Bianchi e Camps (2020) ressaltam ser fundamental que a pessoa em luto tenha seus recursos autossuportivos fortalecidos, para que possa enfrentar toda a desorganização e dor causadas pela perda, constituindo novas formas de estar no mundo, em um processo de autorregulação organísmica. Freitas (2013, p. 99) frisa que “somos parte uns dos outros e nosso sentido existencial está atrelado ao sentido do que somos a alguém e do que podemos ser na relação com alguém”.

Perls (1979, p. 52) enfatiza: “eu não seria gestaltista se não conseguisse entrar nesta experiência de estar atolado tendo confiança de que alguma figura emergirá do fundo caótico”. Esta afirmação nos permite compreender que do caos podem surgir novas figuras, as quais podem trazer novas possibilidades existenciais. Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 166), ao falarem sobre o luto, apontam o sentido do sofrimento nesse processo de assimilação:

[...] o luto, a confusão e o sofrimento são prolongados, porque há muito a ser destruído e aniquilado e muito a ser assimilado, e durante esse período ele não deve se dedicar a seu trabalho sem importância, suprimindo de maneira deliberada o conflito. Por fim, o trabalho de luto se completa e a pessoa está mudada, e adota um desinteresse criativo; imediatamente outros interesses tornam-se dominantes.

A experiência de luto, portanto, é considerada a partir da história de vida da pessoa em luto, tendo em conta encontros anteriores com perdas significativas, conflitos não resolvidos e momento presente. Como já abordado, a visão holística e de campo da Gestalt-terapia considera o homem um ser global, o que pressupõe que o luto seja compreendido em dimensões afetivas, cognitivas, sociais, espirituais e culturais. Suess (2019, p. 78; tradução livre) expõe que “cada cultura tem uma abordagem única para o luto; as crenças, valores, expressões, expectativas, cerimônias e rituais culturais dão significado à perda de diferentes maneiras”.

Partindo desse contexto, a compreensão do processo de luto amparada em uma visão gestáltica irá sempre considerar o campo vivencial da pessoa em luto e o modo como tais aspectos do fundo se manifestam nas respostas ao luto de uma pessoa significativa.

Há especificidades do processo de luto quando vivenciado na infância. Vivenciar a perda de uma pessoa significativa rompe com a realidade conhecida, seja na vida adulta, seja na infância. Esse é um assunto muitas vezes segregado, como se morte fosse fracasso ou adoecimento e não parte da existência, como nascer ou crescer.

#### **4.2. O luto da criança**

O processo de luto da criança difere do vivido pelo adulto, e é fundamental que tais diferenças sejam consideradas. Compreender como estão constituídos os recursos suportes da criança, seus aspectos afetivos e cognitivos e sua compreensão sobre o sentido de morte e morrer se faz necessário. Além disso, o vínculo afetivo com a pessoa perdida, o sistema de cuidado e a qualidade e clareza das informações recebidas sobre a morte podem afetar a vivência deste processo. Como o sistema cognitivo e afetivo da criança está se desenvolvendo, aspectos como imutabilidade e irreversibilidade podem não ser totalmente assimilados por ela. Mazon (2005) aponta a importância de um olhar para o luto da criança que inclua a sensibilidade para seu processo de desenvolvimento, entendido nesta pesquisa como um processo singular e não normativo.

Nesse sentido, a criança precisará de um adulto disponível, que possa ajudá-la a lidar com suas dúvidas, angústias e questionamentos acerca dos fatos que envolvam a perda, oferecendo heterosuporle para que ela possa compreender e paulatinamente assimilar a realidade da morte. Novas figuras surgem a partir desse fundo que se desorganizou e perdeu seu equilíbrio com a perda inegável e, assim, novos ajustamentos são exigidos para dar conta do processo de restauração do viver frente à novidade. Cabe salientar que a perda pode ser

vivida ainda que não haja morte: em caso de separação dos pais, por exemplo, a criança enfrenta a realidade da perda e a necessidade de reconfigurar-se em uma nova realidade familiar.

Se enfrentar os processos de morte e morrer é desafiador para adultos, como será então trazer a criança para essa realidade? Paiva (2011) aponta que, em uma tentativa de livrar a criança do sofrimento, esta é impedida de entrar em contato com as perdas, que são realidade inevitável no percurso de vida. Muitas vezes, porém, o que sustenta tal silêncio sobre a morte para com a criança é a própria experiência de perdas do adulto. O silenciamento social do luto, muitas vezes sustentado pela dificuldade do adulto em abordar estas questões com as crianças, se apresenta também como fator de risco para vivências mais complicadas desse processo.

A vivência da perda pode ser mais dolorosa e exigente quando envolve uma figura significativa na história da criança. Além de perder sua base de segurança, principal referência de afeto e proteção, muitas vezes a criança não pode contar com um adulto disponível que acolha seu sofrimento e angústia e ofereça o heterossuporte para que ela sustente sua experiência, pois o sistema familiar também vive um enfrentamento doloroso. A criança está em luto e muitas vezes os adultos que dela cuidam também estão, o que torna essa experiência mais desafiadora. Franco (2020, p. 201) aponta que “o luto da criança é vivido em um contexto relacional, de uma família que, por sua vez, também sofre este luto”.

A morte é apontada por Torres (1999) como importante fator de organização cognitiva e de constituição da subjetividade. Afirma que a criança vai viver o processo de luto de acordo com seu processo de desenvolvimento e com a especificidade da matriz vincular estabelecida com a pessoa perdida. O Quadro 4.1 descreve os estágios de desenvolvimento apontados por Torres (1999) e Webb (2010) com base nos estágios estabelecidos por Piaget (1964; 1967). Embora a contribuição de Torres, fundamentada no trabalho de Piaget, seja inegável para a compreensão do luto da criança, não se podem desconsiderar as mudanças sociais e culturais ocorridas desde que esse trabalho foi realizado. Como revelado na prática clínica com crianças em luto, observa-se que tais estágios podem transcorrer, ainda que obedecendo à sequência apresentada, mais precocemente. Mudanças culturais e na forma de acesso a informações podem permitir que esses conteúdos sejam acessados com mais facilidade. Assim, o Quadro 4.1, embora possibilite ampliar a compreensão de como o processo de luto se constitui a partir da fase de desenvolvimento da criança, não tem caráter normativo.

#### **Quadro 4.1. Desenvolvimento infantil e concepção de morte.**

0 a 2 anos	2 a 6 anos	7 a 11 anos	a partir dos 12 anos
Criança ainda não desenvolveu a linguagem	Não compreendem a morte como definitiva	Compreendem a morte como universal e irreversível	Podem se sentir desamparado ou entorpecido
Não existe ainda o conceito de morte	Acreditam que a morte é reversível e temporária	Podem negar a perda e agir como se a morte não tivesse acontecido	Podem apresentar um comportamento regressivo
A criança percebe a ausência e a falta	Acreditam no pensamento mágico e que os desejos podem se realizar	Podem esconder seus sentimentos em um esforço para não parecer infantil, e fazer seu luto em particular	Podem se sentir em conflito entre o desejo de se comportar de maneira adulta e o desejo de ser cuidado como uma criança
	Podem acreditar terem sido responsáveis pela morte	Podem sentir culpa e/ou sentirem-se diferentes de seus pares por causa da perda	Podem sentir culpa sobre os comportamentos dos adolescentes, que eram uma parte normal do processo de individuação, no momento da morte
	Perguntam repetidamente sobre o paradeiro da pessoa perdida	Podem expressar raiva ou irritabilidade em vez de tristeza	Podem usar a raiva para se defender contra sentimentos de desamparo
	Podem não mostrar os sinais esperados de luto, pois crêem no retorno da pessoa perdida	Podem compensar o sentimento de luto tornando-se excessivamente prestativo e cuidando dos outros	Podem responder de uma forma egocêntrica ou insensível
	Podem ficar apreensivos acerca da morte de outras pessoas	Podem desenvolver sintomas psicossomáticos ou hipocondria	
	Podem manifestar raiva da pessoa perdida, do cuidador sobrevivente ou irmãos	Podem ter aumento de ansiedade em decorrência ao medo da morte	

Fonte: Elaborado para esta pesquisa a partir de Torres (1999) e Webb (2010).

A criança, quando vive o pensamento como mágico, egocêntrico, pode não ter recursos para construir uma narrativa organizada para sua perda. Esta vai se constituindo à medida que a criança se desenvolve, organizando as narrativas de sua história a partir da linguagem própria a seu momento de vida, caminhando para uma posição mais reflexiva e concreta das experiências vividas.

Frente a perdas, respostas diversas às esperadas no adulto podem ser observadas, bem como mudanças no comportamento da criança. Esta pode afastar-se de seus familiares e pares em uma postura mais introspectiva, adotar comportamentos agressivos ou regredir a momentos de desenvolvimento anteriores, tais como manifestações de enurese ou encoprese. Queixas escolares concernentes à atenção ou à queda de desempenho também são respostas possíveis à perda. Outra alteração afetiva e comportamental observada é a da criança que busca ocupar o lugar de cuidador de sua família, adotando uma postura excessivamente solícita. Como aponta Franco (2021), além da dimensão emocional, o luto pode afetar as dimensões cognitiva, física, espiritual e sociocultural.

Destaca-se a importância de atentar para qual é a visão da criança sobre esta experiência: se já está constituída a compreensão deste evento como universal e irreversível. A criança pode esperar e perguntar pela volta da pessoa perdida, até que essa irreversibilidade seja constituída. A forma vivenciada pela criança sofre influências do modo como o sistema familiar lida com a perda, da abertura para abordar suas emoções e participação ou não nos rituais

fúnebres. Os funerais oferecem a possibilidade de concretização da perda; a participação da criança pode ser um fator importante em seu processo de elaboração do luto.

Bianchi *et al.* (2019) elucidam que a linguagem da criança é o lúdico e que é a partir deste que ela irá narrar seu mundo interno. Para comunicar-se com a criança, muitas vezes o adulto precisa mergulhar em seu mundo e em sua linguagem, compreendendo que esta é sua principal forma de assimilação e destinação dos conteúdos vividos. Outra possibilidade de manifestação do luto na criança é por meio de somatizações e sintomas corporais e aspectos da cognição, como falta de atenção, de concentração e de memória, bem como expressões afetivas como raiva, agressividade, irritabilidade, baixa tolerância a frustrações (MAZORRA, 2005; WORDEN, 1996).

De acordo com a compreensão de desenvolvimento na Gestalt-terapia proposta por Poppa (2018), para que a criança, a partir do suporte ambiental ofertado, constitua seu autossuporte, é fundamental a presença de um adulto que proporcione sua presença, identificando, nomeando e atendendo o percurso da criança em seus ciclos de contato para que esta possa ir percorrendo com autonomia seus próprios ciclos. Essa presença é essencial em cada fase de desenvolvimento, pois novas figuras emergem no campo vivencial da criança, que precisa se ajustar criativamente frente a essas novas situações. Quando a criança perde as figuras presentes nesse processo, viver a experiência do luto pode tornar-se ainda mais doloroso. Embora Parkes (2009, p. 159) exponha que “todos os lutos são traumáticos, mas alguns são mais traumáticos do que outros”, perdas repentinas, violentas e múltiplas podem ser ainda mais exigentes na elaboração do luto. Compreender também como se dá o processo de luto da criança levando em consideração a causa da morte se conjuga aos fatores anteriores citados na compreensão do processo de luto.

Crenças e culturas, em diferentes sistemas familiares e religiosos, vivências anteriores de perdas e o modo como a família lida e dialoga sobre questões sobre a morte e o morrer podem afetar a forma como a experiência é vivida.

Ser culturalmente sensível às dimensões socioculturais envolvidas no processo de luto é, portanto, fundamental. Neimeyer (2001) considera que, para compreender todas as dimensões da perda, incluindo aspectos privados, é preciso ter claro como o contexto social interfere no luto, podendo ser apoiador, opositor ou simplesmente o de ignorar essa experiência, levando à necessidade de mudanças do enlutado.

Embora se busque alcançar uma compreensão ampla sobre o processo de luto da criança, cada vivência é única e singular e como tal deve ser observada, sem que a criança

precise se adequar a formas pré-estabelecidas de como deve transcorrer um processo de luto. Entender o momento de vida da criança, suas possibilidades suportivas, dúvidas e questionamentos é decisivo para que o processo possa transcorrer de forma mais natural. Para Mazorra (2005), “encontrando um ambiente que está mais preparado para recebê-la, a criança pode sentir-se acolhida e compreendida, mais segura, em um momento de tanta insegurança e desamparo”.

## 5. A CLÍNICA GESTÁLTICA COM CRIANÇAS EM LUTO: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO

*A vida, senhor Visconde, é um pisca-pisca. A gente nasce, isto é, começa a piscar. Quem para de piscar chegou ao fim, morreu. Piscar é abrir e fechar os olhos – viver é isso. É um dorme e acorda, dorme e acorda, até que dorme e não acorda mais...*

*Memórias de Emília, Monteiro Lobato*

A clínica com crianças em Gestalt-terapia mantém como pressuposto central a dinâmica relacional, sustentada no vínculo entre terapeuta e paciente. A criança é acolhida e confirmada em sua singularidade, seu modo de ser e suas possibilidades de expressão dos sentimentos.

Essa vinculação é pedra angular na psicoterapia com crianças que vivem o processo de luto. O terapeuta testemunha a expressão dos sentimentos da criança, que pode estar atravessada por desorientação e confusão frente aos sentimentos suscitados pela experiência da perda. A clínica em Gestalt-terapia se sustenta em seu referencial dialógico, orientando a postura do terapeuta para acolher, validar e confirmar os sentimentos da criança.

Ao iniciar o processo terapêutico, é fundamental que o profissional acolha a criança em sua singularidade e possa constituir-se como base segura, para que a partir disso a criança possa trazer ao processo terapêutico a representação de seus afetos, questionamentos e emoções. Recursos lúdicos, como jogos, brinquedos e outros recursos não estruturados podem atuar como facilitadores na comunicação entre paciente e terapeuta, despertando as funções de contato da criança. No brincar, a criança se comunica, compreende e assimila o mundo. O brincar carrega em si a possibilidade da transformação.

A criança tem o brincar como linguagem e recurso de expressão de seu ser no mundo. Para Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 59), é “a sensação vivida e a brincadeira irrestrita delas, aparentemente sem objetivo, que permite a energia fluir espontaneamente e chegar a semelhantes invenções fascinantes”. A criança, no brincar terapêutico, destina seus conteúdos vividos, comunica e elabora aspectos de seu mundo interno.

De acordo com Bianchi *et al.* (2019, p. 1029):

A partir da oferta de um setting terapêutico que proporcione um acolhimento seguro e continente, as dores e questionamentos sobre a morte podem começar a ter lugar, ainda que de forma gradativa, permitindo que a criança constitua recursos de enfrentamento e fortaleça seu autossuporte. Em uma relação de abertura e disponibilidade, o terapeuta atua como outro-suporte, acolhendo as expressões da criança, sendo guardião de suas dores e temores e respeitando seu tempo e ritmo de assimilação.

Para que esse brincar não se torne um fazer aleatório, são fundamentais ao psicoterapeuta a consciência de seu papel na relação e a presença dialógica, embasada nos pressupostos da abordagem. É a partir dessa abertura do terapeuta à linguagem da criança que esta pode se revelar no fazer terapêutico e ter seus conteúdos acolhidos amorosa e empaticamente. Com frequência, as crianças chegam com seus ciclos interrompidos, sem saberem como nomear suas emoções. Cabe ao psicoterapeuta ser sensível e acompanhar sua linguagem e possibilidades de comunicação, em cada momento de seu ciclo de contato. Na prática clínica, recursos que promovem a expressão da linguagem simbólica são facilitadores no processo. Nesse sentido, o brincar não tem uma finalidade, mas está a serviço do *entre*, da relação EU-TU, sem intencionalidade ou objetivo, e sim a serviço do acolher e destinar o conteúdo da criança. Para Zanella (2010, p. 121), “por meio do brincar, a criança amplia sua *awareness*, experimentando o mundo em que vive, ensaiando situações e ampliando sua fronteira de contato”.

Dessa forma, os conteúdos relativos à perda podem ser desvelados e contidos, para que a criança possa ressignificar e integrar essa experiência. Algumas possibilidades de trabalho na clínica gestáltica infantil incluem recursos como material gráfico, argila, massinha, bonecos, fantoches e caixas de areia. Tais recursos têm possibilidades expressivas, por meio das quais a criança comunica seu mundo interno, ou integrativas, em que tais elementos são integrados a sua subjetividade. Na linguagem lúdica do exercício do brincar, a criança pode tornar concretas suas experiências por vias não verbais de linguagem. A criança encontra na brincadeira sua expressão mais genuína, experienciada no aqui-agora da situação terapêutica. Para Lizias (2010, p. 68), “é ali, na hora, que acompanhamos o fluxo de intencionalidade de cada movimento da criança e participamos de seu mundo lúdico de cores e formas, aproximando-se de suas intensidades delicadas a cada momento”. Ser psicoterapeuta de crianças é possibilitar que esses conteúdos sejam vividos em testemunha e companhia de um outro-suporte, guardião dos conteúdos manifestados. Cardella (2017) sustenta que esse encontro relacional é, em si, curativo.

O acolhimento terapêutico, busca, então, favorecer um ambiente para que a criança entre em contato com as dúvidas, questionamentos e emoções suscitados em resposta à perda,

bem como para que possa constituir recursos suportivos, favorecendo seu processo de autorregulação e ampliando seus recursos de enfrentamento.

Confiar nos recursos suportivos da criança é fundamental: ainda que o sofrimento decorrente da perda se faça presente, a crença na capacidade de constituição de ajustamentos criativos mais saudáveis fortalece a criança nesse enfrentamento. É nesse sentido que a Gestalt-terapia associa sofrimento e criatividade. Para Bianchi e Camps (2021, p. 114), o campo da experiência relacional possibilita “cuidar de feridas, situações inacabadas, necessidades não satisfeitas, constituindo repertório novo que leva o indivíduo ao crescimento e ao desenvolvimento”. Nesse sentido, a psicoterapia, conforme Cardella (2017), está a serviço de restaurar ajustamentos criativos mais saudáveis, restabelecendo fluxos mais harmoniosos do existir.

O processo de luto da criança pode ter um curso mais saudável quando esta conta com informações e cuidados substitutivos e pode participar do luto vivido pelo sistema familiar, evocando lembranças e memórias da pessoa perdida. Nos casos em que a criança esteja distanciada destes aspectos protetivos, privada de informações claras e distanciada do enfrentamento familiar da perda, é essencial a atuação do psicoterapeuta com a família.

Dessa forma, é decisiva nos pressupostos de uma psicoterapia gestáltica a inclusão da família no processo terapêutico. Fernandes (2010, p. 77) refere-se à família como “parceira no atendimento gestáltico infantil”.

De acordo com Costa (2020, p. 31), “a família, do ponto de vista da Gestalt-terapia, é vista como uma totalidade inserida em outras totalidades e composta por diferentes elementos, que interagem e se afetam mutuamente na tentativa de se autorregular”. Sem dúvida, o campo familiar é o primeiro e mais importante campo vivencial de uma criança. O trabalho terapêutico pressupõe então a inclusão da família no processo da criança, o que na clínica com crianças em luto é de importância fundamental, visto que a família está também vivendo o processo de luto. Ser, portanto, heterossuporte para a família contribui para que esta se fortaleça em seus recursos suportivos e possa se colocar disponível para amparar a criança. O terapeuta se constitui, nessa perspectiva, em base segura e porto seguro, tanto para a criança como para a família. Poppa (2020, p. 108) salienta a importância de que o terapeuta de crianças identifique e cuide dos aspectos que impossibilitam os pais de serem suportivos para as experiências de seus filhos.

Amparado neste olhar, o trabalho psicoterapêutico com a família busca fomentar nos pais ou cuidadores a sensibilidade emocional em relação à criança e mobilizar para que estes estejam mais atentos aos sentimentos manifestados, ainda que não esperados, tais como os que

se manifestam na forma de comportamentos agressivos ou regredidos. Fundamental também é a sensibilidade do terapeuta em perceber e apontar a possibilidade de a criança estar sendo, na configuração familiar, movida para o papel de cuidador. Observa-se com frequência na prática clínica a necessidade da criança em inverter os papéis, *cuidando de seu cuidador*, quando este está envolvido na própria dor e não consegue reconhecer a necessidade da criança. Aqui cabe a sensibilidade do terapeuta para se resguardar de julgamentos e adotar uma postura heterossuportiva para favorecer que esse cuidador reconheça se há uma rede de apoio disponível e a possibilidade de acessá-la. Nesta visão, o cuidado é oferecido a partir de uma perspectiva sistêmica.

Não há, portanto, na prática clínica gestáltica, uma dicotomização entre a criança e sua família. Ao psicoterapeuta que caminha na seara do atendimento clínico infantil, a presença acolhedora e a inclusão são necessárias para oferecer suporte frente à perda e confirmação em relação a angústias e questionamentos. Abrir espaço para questões sobre “*Como falar de morte com a criança?*”, “*O que falar?*” e “*Como ajudar?*” é de suma importância. A clínica do luto, além de acolhimento e cuidado, tem caráter psicoeducativo, ao oferecer à família orientações sobre como lidar com os sentimentos e expressões da criança.

Todos estes aspectos conferem especial valor à construção do psicoterapeuta, em suas vertentes pessoais e profissionais. Compreender as próprias vivências de perdas e seus atravessamentos se faz fundamento nesta clínica. Isso envolve reconhecer feridas e dores, perdas e lutos vividos, para que não interfiram no processo vivenciado pela criança. Se faz presente, para tanto, a necessidade de trabalho terapêutico e supervisão. Na perspectiva profissional, educação continuada e atualização são essenciais. Embora o processo gestáltico infantil resida no brincar, este não é um brincar aleatório, e sim sustentado em um arcabouço teórico que possibilite ao terapeuta realizar as intervenções necessárias e ser heterossuporte para a criança e a família. É importante, ainda, a responsabilidade para com o crescimento científico da abordagem, por meio de pesquisas e publicações acadêmicas que possam oferecer maior fundamentação à prática clínica.

Ainda que a clínica de luto seja atravessada por dor, oferece a possibilidade de ressignificação e de constituição de novos ajustamentos. Cabe ao terapeuta ser presença na ausência, esperança na desesperança. Esta crença não minimiza a dor do luto, mas aponta a possibilidade da travessia, ainda mais possível quando empreendida em companhia. É na crença de ressignificação e continuidade do viver que se sustenta a clínica com crianças enlutadas: que mesmo em meio a confusão e dor é possível atribuir um novo sentido ao viver.

## 6. A PESQUISA

### 6.1. Método

No transcorrer desta pesquisa, o método passou por transformações. O estudo de caso inicialmente proposto foi alterado em razão da necessidade de isolamento social vivida no contexto pandêmico, impossibilitando os atendimentos psicoterapêuticos presenciais. Optamos então por empreender uma revisão integrativa de literatura.

Souza, Silva e Carvalho (2010, p. 102) expõem que “a revisão integrativa é um método que proporciona a síntese de conhecimento e incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática”. Trata-se de um recurso da prática baseada em evidências), abordagem que se fundamenta no conhecimento e na qualidade da evidência para ensino e cuidado na prática clínica.

Ursi (2005, p. 37) considera esse método “uma estratégia apropriada quando não há pesquisas suficientes a respeito de determinado tópico que permitam conduzir uma metanálise”.

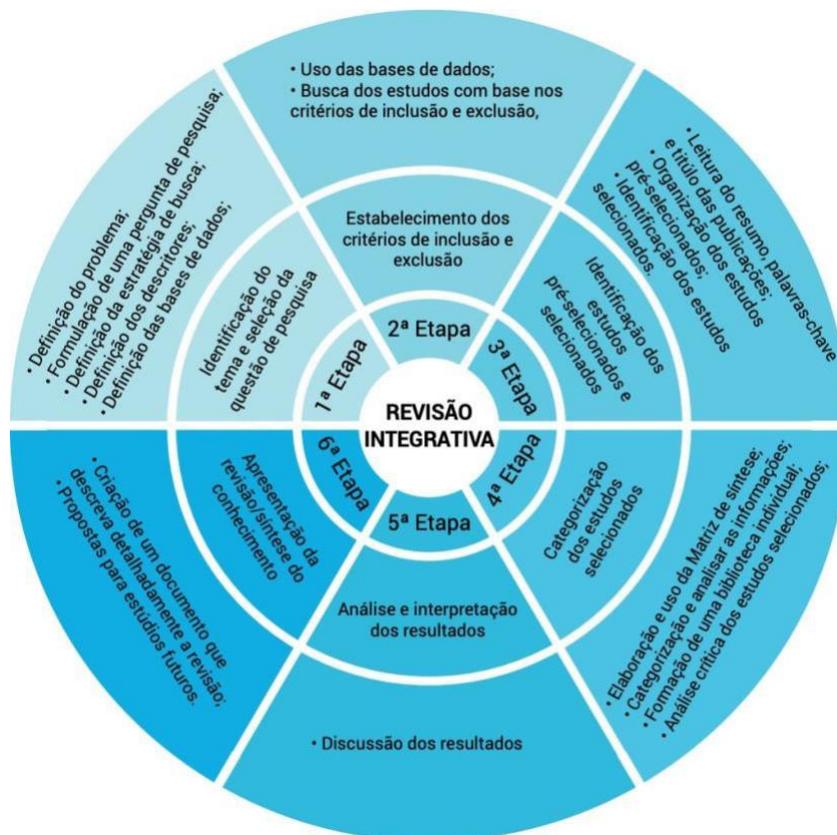
Creswell (2010, p. 51) acrescenta que:

[...] a revisão de literatura cumpre vários propósitos. Compartilha com o leitor os resultados de outros estudos que estão intimamente relacionados àquele que está sendo realizado. Relaciona um estudo ao diálogo maior, preenchendo lacunas e ampliando estudos anteriores.

Trata-se de um método que atende aos objetivos deste trabalho, permitindo que os resultados encontrados sejam incorporados e aplicados à prática clínica, constituindo assim valioso recurso para ampliar as possibilidades de intervenção com crianças enlutadas.

De acordo com Botelho, Cunha e Macedo (2011), a revisão integrativa possibilita a geração de conhecimento a partir de estudos realizados anteriormente. Ela se desenvolve em uma sequência de etapas (Figura 6.1) (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010; MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

**Figura 6.1. Etapas da revisão integrativa de literatura.**



Fonte: Botelho, Cunha e Macedo (2011, p. 129).

A primeira etapa consiste em identificar o tema e o problema de pesquisa, definindo assim quais serão os caminhos adotados no desenvolvimento da investigação. Além de definir o problema, nela se formula a questão de pesquisa e se definem as estratégias a adotar para a busca de publicações, o que inclui a seleção de descritores e das bases de dados a utilizar.

Na etapa seguinte, são estabelecidos os critérios de busca e exclusão que irão orientar a busca dos artigos nas bases de dados selecionadas.

A terceira etapa consiste em selecionar estudos por meio da leitura de seus resumos, palavras-chave e títulos.

Na quarta etapa da revisão são identificadas categorias visando a leitura crítica dos artigos selecionados.

A quinta etapa consiste na análise e discussão dos artigos, sustentadas nas categorias estabelecidas para análise.

Por fim, é feita uma descrição detalhada da revisão, evidenciando lacunas para estudos futuros.

## 6.2. Resultados do levantamento bibliográfico

### IDENTIFICAÇÃO DO TEMA E SELEÇÃO DA QUESTÃO DE PESQUISA

Souza, Silva e Carvalho (2010) consideram a elaboração da pergunta norteadora como a etapa mais importante da revisão, visto que irá orientar o desenvolvimento da pesquisa. Frente ao objetivo proposto, a presente investigação teve como pergunta norteadora: *Como a Gestalt-terapia compreende o processo de luto da criança?*

Embora, como já exposto, tenha-se optado por utilizar nesta pesquisa o termo “luto da criança” em lugar de “luto infantil”, a coleta de dados foi empreendida com uso de ambas as locuções.

### CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Foram incluídos estudos que atendiam aos seguintes critérios:

1. Artigos publicados de 2016 a 2021.
2. Artigos publicados em português ou inglês.
3. Artigos cujo texto completo estivesse disponível *online* nas bases de dados consultadas.

Foram pesquisadas as seguintes bases de dados, por representarem portais importantes de conteúdo de produção científica nesta área de estudo:

- Portal CAPES: O Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é um dos maiores acervos científicos virtuais do país, reunindo conteúdos produzidos no Brasil e outros disponibilizados por editoras do exterior a instituições de ensino e pesquisa no Brasil. O portal abrange mais de 49 mil periódicos com texto completo e 455 bases de dados de conteúdos diversos, como patentes, estatísticas, materiais audiovisuais, normas técnicas, teses, dissertações, livros e obras de referência (CAPES, 2021).
- BVS: O portal da Rede de Colaboradores e Usuários dos Produtos e Serviços da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) tem por finalidade promover a comunicação e o intercâmbio de experiências entre essa rede e o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME, em razão de seu nome original: Biblioteca Regional de Medicina), bem como facilitar e promover o uso das metodologias e ferramentas desenvolvidas pela BIREME para produção, operação e atualização de produtos e serviços de informação aplicados nas instâncias do BVS, e organizar e disponibilizar a informação

de referências das bases LILACS, Portal BVS, BVS Brasil, Portal de Revistas da USP, Periódicos CAPES, SciELO Livros (BVS, 2021).

- Google Acadêmico (também conhecido como Google Scholar): Extensão de pesquisa do Google que oferece ferramentas específicas para a busca de conteúdos acadêmicos. Atuando como biblioteca virtual, seu repertório inclui milhares de artigos científicos, dissertações, teses, resumos, monografias, livros e pesquisas de extensão (GOOGLE SCHOLAR, 2021).

Para a busca, adotaram-se os seguintes descritores, utilizando os operadores booleanos *and*, para conjugar os termos da pesquisa, e *or*, para restringir a um ou outro termo:

- “luto da criança” *or* “luto infantil” *or* “luto na infância” *and* “Gestalt-terapia”;
- “grief” *or* “mourning” *or* “bereavement” *and* child\* *and* “Gestalt-therapy”.

A combinação dos descritores luto *and* Gestalt-terapia trouxe mais achados à pesquisa, mas a análise destes não se mostrou alinhada ao tema proposto. Foi adotada então nova estratégia de pesquisa, circunscrevendo a busca aos descritores luto da criança *and* Gestalt-terapia e suas variações.

No Portal CAPES, a busca por luto da criança *and* Gestalt-terapia forneceu 12 artigos. O uso das variações luto infantil e Gestalt-terapia resultou em três artigos, duplicados em relação à busca anterior, e a variação luto na infância acrescentou outros dois artigos, que, no entanto, não se enquadraram na temática da pesquisa. A substituição de luto por pesar trouxe dois artigos duplicados em relação às buscas anteriores. A busca pelos termos ingleses não resultou em novos artigos (Quadro 6.1).

No Portal BVC, a busca por luto da criança *and* Gestalt-terapia resultou em um artigo, duplicado quando se utilizaram as variações. Os termos ingleses não trouxeram novos resultados.

A pesquisa no Google Acadêmico utilizando os termos luto da criança *and* Gestalt-terapia e suas variantes resultou em 280 artigos que, após exclusão dos duplicados, se reduziram a 266. Os termos em inglês trouxeram 1.870 artigos. Para refinar a busca correlacionando luto da criança *and* Gestalt-terapia, os termos foram pesquisados novamente, desta vez utilizando aspas, para localizar ocorrências exatas, o que reduziu os resultados a 828.

Ainda que não atendessem aos critérios estabelecidos para esta investigação, foram encontrados dois importantes artigos que contribuíram com o *corpus* de pesquisa: o de Sues (2019), *Bereavement: an evolution*, publicado no *Gestalt Journal of Australia and New*

*Zealand*, e o de Stripling (2021), intitulado *Gestalt interventions benefitting children and adolescents: a literature review*, de revisão bibliográfica que identificou oito estudos realizados após 2000, realizados no Irã, África do Sul, Coreia do Sul, Brasil, Estados Unidos e Israel. Não houve, porém, entre os achados, nenhum artigo que abordasse o luto da criança.

Quadro 6.1. Resultados da busca.

Base de dados	Encontrados	Incluídos
CAPES	13	2
BVS	1	1
PUBMED	0	0
SCHOLAR	280	9

Fonte: Dados da pesquisa.

#### IDENTIFICAÇÃO DOS ESTUDOS PRÉ-SELECIONADOS E SELECIONADOS

Nesta etapa, procedeu-se à leitura dos resumos e palavras-chave dos artigos encontrados, o que permitiu organizar os estudos que foram pré-selecionados nas buscas, de acordo com os critérios da pesquisa.

Em todas as bases de dados pesquisadas, o primeiro artigo era de coautoria com orientador e membro da banca de defesa, salientando a escassez de pesquisadores na abordagem gestáltica estudando o luto da criança. Pela relevância do trabalho, optou-se por utilizá-lo tanto na fundamentação teórica como na revisão de literatura.

Dos artigos selecionados, sete provinham de periódicos e dois eram trabalhos de conclusão de curso (Quadro 6.2).

**Quadro 6.2. Estudos pré-selecionados, obtidos nas bases de dados.**

	<b>Título</b>	<b>Autoria</b>	<b>Ano</b>	<b>Tipo</b>	<b>Fonte</b>
1	<i>Possibilidades da clínica gestáltica no atendimento de crianças enlutadas</i>	Bianchi, D.; Kublikowski, I.; Camps, P.; Franco, M.	2019	Artigo	<i>Estudos e Pesquisas em Psicologia</i> , v. 19, n. 4, p.1018-1035, 2020
2	<i>A esperança como ajustamento criativo: reflexões dos processos de saúde, doença e morte em Gestalt-terapia</i>	Berri, B.	2020	Artigo	<i>Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies</i> , v. 26, n. 3, p. 351, 2020
3	<i>No trem da vida, o meu vagão se chama luto: aconselhamento psicológico em sujeitos enlutados</i>	Morais, J.; Gonçalves, F.; Silva, K.; Melo, K.; Medeiros, S.; Silva, E.; Oliveira, C.; Freitas, S.; Coêlho, Luana.; Andrade, P.; Silva, A.; Amorim, F.; Silva, L.; Sousa, E.; Costa, T.	2021	Artigo	<i>Research, Society and Development</i> ; v. 10, n. 6, 2021
4	<i>Psicoterapia infantil: perdas, luto e ajustamentos criativos elaborados no brincar</i>	Borstman, R.; Breunig, Y.; Macedo, M.	2018	Artigo	<i>IGT na Rede</i> , v. 15, n. 28, p 1- 128, 2018
5	<i>O processo ciclo do contato em uma situação de luto</i>	Oliveira, L.; Oliveira, M.; Lobato, E.	2017	Artigo	<i>IGT na Rede</i> , 2017, v.14, n. 27, p. 260-272, 2017
6	<i>A vivência da criança antes e depois da separação dos pais</i>	Santos, J.	2019	Monografia	Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia
7	<i>A vivência do luto na infância: um olhar sobre o filme “Tão forte, tão perto”:</i>	Rodrigues, G.; Amorim, C.; Fernandes, I.	2021	Artigo	<i>Academic Journal of Studies in Society, Sciences and Technologies: Geplat Papers</i> , v. 2, n. 1, 2021
8	<i>Representação na perspectiva fenomenológica sobre o pensar a morte e o morrer</i>	Santana, F.; Tolovi, C.	2016	Artigo	<i>Revista Interfaces. saúde, humanas e tecnologia</i>
9	<i>Questões do humano em sua finitude: uma perspectiva fenomenológica existencial</i>	Alvarenga, R.	2018	Monografia	Graduação, Centro Universitário de Brasília

Fonte: Dados da pesquisa.

Após a leitura integral dos estudos pré-selecionados, quatro foram selecionados para análise (Quadro 6.3). Os artigos excluídos, embora abordassem a temática do luto, não se referiam a sua vivência no período da infância.

**Quadro 6.3. Estudos selecionados para análise.**

<b>Título</b>	<b>Autoria</b>	<b>Ano</b>	<b>Tipo</b>	<b>Fonte</b>
<i>Possibilidades da clínica gestáltica no atendimento de crianças enlutadas</i>	Bianchi, D.; Kublikowski, I.; Camps, P; Franco, M.	2019	Artigo	<i>Estudos e Pesquisas em Psicologia</i> , v. 19, n. 4, p. 1018-1035, 2020
<i>Psicoterapia infantil: perdas, luto e ajustamentos criativos elaborados no brincar</i>	Borstman, R.; Breunig, Y.; Macedo, M.	2018	Artigo	<i>IGT na Rede</i> , v. 15, n 28, p. 1-128, 2018
<i>A vivência da criança antes e depois da separação dos pais</i>	Santos, J.	2019	Monografia	Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia
<i>A vivência do luto na infância: um olhar sobre o filme “Tão forte, tão perto”:</i>	Rodrigues, G.; Amorim, C.; Fernandes, I.	2021	Artigo	<i>Academic Journal of Studies in Society, Sciences and Technologies: Geplat Papers</i> , v. 2, n. 1, 2021

Fonte: Dados da pesquisa.

**CATEGORIZAÇÃO DOS ESTUDOS SELECIONADOS**

Nesta etapa, os estudos selecionados foram categorizados e analisados criticamente. Para tanto, estabeleceram-se as seguintes dimensões de análise, por sua relevância na clínica com crianças enlutadas.

**1. RELAÇÃO ENTRE A CRIANÇA ENLUTADA E A PESSOA FALECIDA**

O luto é diferentemente vivenciado a depender da qualidade da relação mantida com a figura perdida (FREITAS, 2013). Parkes (2009) sustenta que a intensidade do luto é proporcional à do amor. O processo de luto na criança pode então adquirir contornos mais desafiadores quando há perda de alguém significativo, visto que pode representar também a perda da base de segurança. A Gestalt-terapia sustenta que a criança desenvolve um vínculo com suas figuras de cuidado, que inicialmente sustentam o fluxo do ciclo de contato da criança até que esta possa constituir recursos para percorrer seus ciclos com autonomia (POPPA, 2018).

**2. SUPORTE FAMILIAR**

A família é o primeiro e principal campo vivencial da criança. A criança precisa de um cuidador disponível que lhe proporcione recursos heterossuportivos quando os próprios não são suficientes para o enfrentamento dos sentimentos decorrentes da perda. Entretanto, há que considerar que a família está também afetada pelo processo de luto, situação que exige

compreender a dinâmica emocional da família e sua possibilidade de sustentação dos cuidados à criança.

A família pode não estar disponível para ofertar à criança o heterossuporte necessário para sustentação da desorganização causada pelo luto. A psicoterapia pode ofertar à criança o cuidado necessário neste processo. É de vital importância que o terapeuta esteja habilitado para a psicoterapia com crianças em luto e instrumentalizado para intervir no processo, bem como no das famílias.

### **3. *INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS FACILITADORAS DO PROCESSO DE LUTO***

A intervenção terapêutica pode facilitar à criança o encontro de espaço para expressão de seus sentimentos e apropriação de recursos que lhe possibilitem aceitar a realidade da perda e enfrentá-la (MAZORRA, 2005).

As intervenções terapêuticas com a criança enlutada a acolhem em sua singularidade existencial e em suas dores e sofrimento causados pela perda, oferecendo um espaço de diálogo e confirmação para que os sentimentos possam ser expressos e as experiências possam ser vividas em ambiente de segurança. Desta forma, busca ampliar a consciência da criança para seu processo de luto, favorecendo ajustamentos mais saudáveis e autorregulação orgânica.

## **6.3. Análise**

### **ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS ESTUDOS SELECIONADOS**

Os dados coletados estão sintetizados no Quadro 6.4.

**Quadro 6.4. Estudos selecionados e seus achados.**

	<b>Título</b>	<b>Autoria</b>	<b>Ano</b>	<b>Descrição do estudo</b>	<b>Resultados</b>
1	<i>Possibilidades da clínica gestáltica no atendimento de crianças enlutadas</i>	Bianchi, D.; Camps, P.; Kublikowski, I.; Franco, M.	2019	Vinhetas clínicas de atendimentos psicoterapêuticos de crianças em luto por morte	Os resultados confirmam a efetividade da prática clínica em Gestalt-terapia na intervenção com crianças enlutadas e a importância do encontro terapeuta-cliente como recurso heterosuporativo no processo de luto.
2	<i>Psicoterapia infantil: perdas, luto e ajustamentos criativos elaborados no brincar</i>	Borstman, R.; Breunig, Y.; Macedo, M.	2018	Vinhetas clínicas de atendimentos psicoterapêuticos de crianças em luto por morte e abandono	Os resultados confirmam a efetividade da prática clínica em Gestalt-terapia na intervenção com crianças enlutadas e o brincar como importante recurso na prática clínica com crianças. Aponta-se também a incipiência de estudos em Gestalt-terapia sobre o tema.
3	<i>A vivência da criança antes e depois da separação dos pais</i>	Santos, J.	2019	Pesquisa clínica com crianças vivenciando o processo de separação dos pais, em psicoterapia na abordagem gestáltica	Os resultados confirmam a vivência de perdas da criança em relação à separação dos pais e delinea-se a importância do desenvolvimento de investigações sobre este tema, com atenção ao estudo de recursos não verbais.
4	<i>A vivência do luto na infância: um olhar sobre o filme “Tão forte, tão perto”</i>	Rodrigues, G.; Amorim, C.; Fernandes, I.	2021	Análise de filme como base para compreensão do processo de luto da criança	Compreensão do processo de luto da criança a partir da perda de uma figura de apego significativa de forma abrupta e traumática. Aponta escassez de estudos como o tema, compreendendo este como um campo emergente dentro da psicologia, sustentando a importância do fomento nesse campo de estudos para que esta lacuna possa ser suprida.

Fonte: Dados da pesquisa.

Esses estudos são focalizados com mais detalhes a seguir.

***ESTUDO 1: POSSIBILIDADES DA CLÍNICA GESTÁLTICA NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS ENLUTADAS 2019) – BIANCHI et al.***

O artigo consiste em uma revisão de literatura e oferece uma visão do processo de luto da criança, estabelecendo diálogos entre a abordagem gestáltica, a Teoria do Apego desenvolvida por John Bowlby e o Modelo do Processo Dual proposto por Stroebe e Schut. O diálogo com a Teoria do Apego é tecido a partir da compreensão do homem como ser relacional

e das relações de cuidado como constitutivas da subjetividade; já o diálogo com o Modelo do Processo Dual se desenvolve a partir da visão de saúde e adoecimento em Gestalt-terapia, que sustenta que a saúde está no movimento, no fluxo entre as polaridades e os adoecimentos nas cristalizações, tal como o Modelo do Processo Dual compreende o luto como trânsito entre as direções de perda e de restituição. Sublinha a importância da compreensão sobre o vínculo entre a criança e a pessoa perdida, compreendendo que a perda é mais dolorosa quando há vínculo significativo e de segurança, visto que “além da perda de sua base de segurança, muitas vezes a criança não pode contar com um adulto disponível para acolher seu sofrimento e angústias, pois o sistema familiar também vive um enfrentamento doloroso” (BIANCHI *et al.*, 2019, p. 1020). É salientada a importância de olhar para a perda como vivência de todo o sistema familiar, o que pode afetar a possibilidade de que a família ofereça suporte à criança.

O artigo aponta a importância do processo terapêutico como facilitador do processo de luto, apresentando recortes de casos clínicos com crianças enlutadas. Descreve possibilidades de *settings* terapêuticos, compreendendo no encontro com a criança o brincar como linguagem e como recurso. O manejo clínico apresentado é não diretivo, em uma postura de acolhimento ao fenômeno revelado nas sessões.

Descreve, para ilustrar a fundamentação teórica, duas vinhetas clínicas com crianças em processo de luto. O primeiro apresenta Tina, oito anos, que vivera a perda de um tio-avô, revelando a busca de sentido para compreensão do processo de morte e do sofrimento vivido por sua mãe. A sessão se circunscreve a partir de enterros de personagens em uma caixa de areia (Figuras 6.2 e 6.3), possibilitando, por meio de uma vivência simbólica, a assimilação dos conteúdos suscitados pela perda.

O segundo caso versa sobre o processo terapêutico de Nina, nove anos, após vivência de múltiplas de perdas, negligência e acolhimento institucional dela e de seus irmãos. Descreve um recorte do processo terapêutico apoiado também na utilização do recurso da caixa de areia. Na sessão, a criança enterra uma família na areia e inclui nas laterais da caixa personagens diversos. É apontado que não são feitas interpretações para a criança, visto que a compreensão sustentada é de que a experiência de construir o cenário já é em si interventiva. Fica evidente nesse recorte a forma como o campo vivencial da criança afeta a forma como é vivido o luto, bem como o encontro anterior com outras perdas.

**Figura 6.2. Cenário na areia construído pela criança, em formato final.**



**Figura 6.3. Cenário na areia após a ida da criança, com a retirada da areia depositada sobre as miniaturas.**



O olhar para o processo terapêutico a partir destas intervenções e o recurso como facilitador do processo de luto da criança, apresentando o brincar terapêutico como organizador dos sentimentos dolorosos suscitados pela perda, possibilitam que ela possa comunicar e construir significados para essa experiência.

***ESTUDO 2: PSICOTERAPIA INFANTIL: PERDAS, LUTO E AJUSTAMENTOS CRIATIVOS ELABORADOS NO BRINCAR (2018) – BORSTMAN, R.; BREUNIG, Y.; MACEDO, M.***

O artigo descreve em uma revisão narrativa de literatura e fundamenta-se teoricamente em seis principais autores – Perls (em obra de 1977), Oaklander (de 1980), Aguiar (de 2005), Fukumitsu (de 2012) e Martins e Lima (de 2014) –, discorrendo sobre o processo de luto frente à perda de alguém significativo, por morte ou abandono, com base na teoria gestáltica. As autoras conceituam luto como “um processo que busca o fechamento de uma Gestalt, ou seja, de uma

situação que está inacabada” (BORSTMAN; BREUNIG; MACEDO, 2018, p. 82), e destacam o luto como um processo, não um estado.

O brincar é apontado como forma de a criança se expressar no mundo, relacionando a brincadeira como modo de ajustamento criativo no enfrentamento de suas perdas. Salientam que o processo terapêutico oferta um espaço seguro e continente para expressão dos sentimentos da criança, possibilitando que esta retome seus processos autorregulatórios e atualize-se, frisando a importância de que o terapeuta confirme e valide os sentimentos manifestados pela criança. As autoras ilustram o artigo com dois estudos de caso: o de Laura, sete anos, que aos cinco testemunhara assassinato a tiros da mãe por seu pai, e o de João, seis anos, abandonado pelos pais aos dois. Ressalte-se que o trabalho não se limita ao luto por morte, abrangendo também o luto advindo de abandono.

O segundo indicador que apontamos como guia para esta análise está também contemplado no artigo, que sustenta a importância do envolvimento da família no processo terapêutico, por sua relevância no campo vivencial da criança. No caso de Laura, com a morte da mãe a criança perde simultaneamente suas duas figuras parentais, dadas as circunstâncias da morte. É reforçada a importância da vinculação segura com os cuidadores com quem vive atualmente.

O segundo caso retrata o luto por abandono. A angústia vivida pela separação se revela no *setting* terapêutico a partir da relação com a terapeuta. Todo um universo de fantasia é desvelado em suas sessões, percorrendo histórias infantis, brinquedos e desenho. As autoras apontam a importância das histórias como recurso terapêutico, tanto no sentido de trazer um distanciamento de temas dolorosos como para sua elaboração. No artigo se evidencia a importância da psicoterapia na aceitação e validação da criança e de seu universo lúdico e simbólico e na resignificação de suas experiências. As autoras evidenciam a importância da presença terapêutica para ampliação de *awareness* e formas mais saudáveis de ajustamento, possibilitando resignificar sentimentos, pensamentos e ações.

### ***ESTUDO 3: A VIVÊNCIA DA CRIANÇA ANTES E DEPOIS DA SEPARAÇÃO DOS PAIS (2019) – SANTOS, J.***

Trata-se de uma monografia apresentada em pós-graduação *lato sensu* na abordagem gestáltica. O trabalho, que buscou compreender o processo de luto da criança vivido a partir da separação dos pais, foi construído por meio de um estudo de caso envolvendo três crianças, de sete a nove anos, utilizando como critérios de inclusão terem vivido o processo de separação nos últimos dois anos, com disponibilidade para falar sobre o tema e em psicoterapia com

Gestalt-terapeutas associados ao Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-Terapia de Goiânia. Além da sustentação teórica, empreendeu-se pesquisa clínica com crianças que vivenciavam processo de separação dos pais, em terapia com Gestalt-terapeutas. Para tanto, foram utilizadas perguntas disparadoras e o desenho como recurso projetivo. Nos três casos estudados, evidenciou-se transformação do campo vivencial e consequente necessidade de reorganização da família. A separação é apontada como uma crise que pode ser vivida como luto doloroso e exigente. Expõem-se pressupostos da fenomenologia e da teoria de campo em Gestalt-terapia, compreendendo que este é um fenômeno que afeta todo o campo vivencial da criança, fator que envolve as matrizes vinculares e a possibilidade de que os pais, em meio ao próprio luto, sustentem o luto dos filhos. A autora salienta a necessária reorganização do campo familiar a partir desta experiência de perda.

O artigo aponta a relevância das intervenções clínicas, sustentadas tanto em linguagem verbal como não verbal, abordando o trabalho terapêutico como lugar de acolhimento sobre pensamentos, sentimentos e mudanças no campo familiar advindos da separação dos pais, focalizando mudanças na vida da criança após a separação destes. A autora faz uso da metáfora ao construir uma analogia entre o processo de separação e o jogo de tabuleiro em que peças se perdem, exigindo mudanças na forma de jogar.

***ESTUDO 4: A VIVÊNCIA DO LUTO NA INFÂNCIA: UM OLHAR SOBRE O FILME “TÃO FORTE, TÃO PERTO” (2021) – RODRIGUES, G.; AMORIM, C.; FERNANDES, I.***

O artigo é construído a partir de uma revisão narrativa de literatura e propõe compreender o luto da criança a partir da análise do filme *Tão forte, tão perto*, em que uma criança perde o pai na tragédia do World Trade Center. Salienta a importância de observar as questões vinculares na compreensão do processo de luto, sustentado pelo fato de que a criança, ao deparar com a perda do pai, perde também sua principal figura de segurança. A pesquisa inclui diferentes abordagens da psicologia, entre elas a Gestalt-terapia, como possibilidade de compreensão do processo de luto. A revisão de literatura tem natureza narrativa, tendo como critérios de inclusão a disponibilidade do texto completo *online*, publicação nos últimos 10 anos e foco na vivência do luto na infância segundo diferentes abordagens de psicoterapia.

O trabalho versa sobre a experiência de luto de uma pessoa significativa que passou por morte traumática e inesperada, abordando como esta experiência pode ser vivida de forma mais desafiadora. Para Rodrigues, Amorim e Fernandes (2021, p. 12), “essas perdas repentinas, violentas e prematuras colocam o ser humano diante da sua própria vulnerabilidade de forma

inesperada”. O mundo como conhecido pela criança é rompido e, frente às novas figuras que emergem, ajustamentos criativos precisarão ser constituídos no enfrentamento desta experiência. As autoras apontam também os desafios enfrentados pela mãe ao lidar com o processo de luto do filho em meio ao próprio processo materno de enfrentamento da perda. A partir das reações do personagem frente à morte abrupta e traumática do pai, aponta-se a intensificação dos desafios do luto quando estes incluem a perda da figura principal de vinculação, salientando a necessidade de reorganização do mundo conhecido pela criança e de reconstrução de sua identidade. É apontado também como a perda de um dos genitores desperta a consciência tanto da possibilidade de perder o genitor sobrevivente como em relação à própria finitude. Reforça-se a importância de ofertar à criança recursos heterossuportivos, visto que seu repertório de recursos pode não bastar para que a realidade da perda seja assimilada, o que ressalta a relevância da rede de suporte familiar no enfrentamento do luto e na assimilação da nova realidade.

## 7. DISCUSSÃO

Na presente revisão de literatura, os critérios de inclusão adotados levaram à seleção de quatro artigos para análise. Para a discussão dos resultados desta pesquisa, foram definidas categorias de análise temática que fundamentam a compreensão de dimensões do processo de luto, em consonância com os pressupostos teóricos da Gestalt-terapia apresentados. São elas:

1. Relação entre a criança enlutada e a pessoa falecida.
2. Suporte familiar.
3. Intervenções terapêuticas facilitadoras do processo de luto.

A Gestalt-terapia é uma abordagem que tem como pressuposto acompanhar a criança em suas percepções de mundo e perceber os sentidos atribuídos a essa experiência. Na clínica com crianças em processo de luto, essa abertura é decisiva. O artigo de Bianchi *et al.* (2019) sustenta a importância de um ambiente terapêutico de acolhimento e segurança, em que os sentimentos de resposta à perda possam ser vividos com o heterossuporte necessário, para que a criança possa então sustentar-se em seus ciclos, construindo significados para suas experiências. As autoras também apontam que essa perda pode revelar-se ainda mais desafiadora quando se refere a uma figura que representa a base de segurança, o que torna ainda mais relevante a presença heterossuportiva do psicoterapeuta. Esta presença é fundamental para que a criança possa ajustar-se à nova realidade configurada na ausência da pessoa perdida, bem como para que a criança possa reconstruir seu mundo interno a partir desta falta.

Os artigos selecionados para análise corroboram que as especificidades de vínculo com a pessoa perdida podem tornar o processo de luto ainda mais exigente para a criança. Partindo da visão de desenvolvimento apresentada nesta pesquisa, a criança precisa de um adulto atento a suas necessidades, para que ele a sustente no percurso de seus ciclos de contato, até que ela constitua recursos para que possa fluir em seus ciclos com autonomia. Perder a pessoa que ocupa esse lugar na vida é, portanto, perder quem suporta a criança nessa experiência. Desta forma, além de enfrentar os sentimentos suscitados pela perda, a criança precisará construir ajustamentos no percurso de seus ciclos. A presença do terapeuta, confirmando e validando a expressão da criança, facilita a criação de ajustamentos mais saudáveis para que esses ciclos sejam percorridos com fluidez. É essa abertura do terapeuta, por meio de uma presença amorosa e de heterossuporte, que pode construir com a criança formas mais saudáveis de estar no mundo. A relação terapêutica propicia à criança contato com seu sofrimento em um ambiente continente

para acolhimento da expressão, seja da forma como ela se manifeste. Esta companhia pode dar-se tanto por meio da participação ativa nas brincadeiras e jogos da criança quanto no testemunho silencioso de suas construções. O fundamental é a presença que inclui e confirma a criança em sua possibilidade de expressão no aqui-agora da relação.

A criança, ao lidar com os sentimentos que emergem a partir de uma vivência de perda, em especial de uma figura de referência importante, pode acionar fortes estruturas defensivas. Possibilitar diferentes formas de expressão, tais como recursos lúdicos que estimulem o gesto espontâneo e o brincar terapêutico, foram estratégias que os artigos estudados salientam como fundamentais na clínica com crianças. Bianchi *et al.* (2019), Borstmann, Breunig e Macedo (2018) e Santos (2019) apontam que a diversidade de recursos terapêuticos atua tanto na expressão como na integração dos conteúdos desvelados no encontro terapêutico. Esse pressuposto sustenta a valiosa contribuição da clínica gestáltica com a criança, em que o terapeuta a alcança a partir da linguagem possível para ela, seja esta verbal ou não verbal, interagindo com a criança a partir da criação por ela realizada. É fundamental, porém, observar que o brincar terapêutico sustenta-se na fundamentação teórica da abordagem e em seu referencial fenomenológico, que a despeito de interpretações ou considerações *a priori*, acolhe o fenômeno como este se manifesta. Para tanto, uma formação consistente do terapeuta é essencial.

O artigo de Bianchi *et al.* (2019) apresenta as intervenções terapêuticas realizadas utilizando a caixa de areia, recurso com o qual as crianças focalizadas realizam, a partir de uma experiência de perda, cenários em caixas de madeira contendo areia e o acervo de miniaturas do terapeuta. De acordo com as autoras, o uso desse recurso a partir do *entre*, do campo relacional terapeuta-cliente, mostra-se valioso para que a criança comunique e integre sua experiência. As autoras salientam que esse recurso possibilita a restauração do contato, ponto fundamental na psicoterapia gestáltica, também destacado no artigo de Borstmann, Breunig e Macedo (2018). As autoras apontam a importância de acolher as fantasias como linguagem e expressão da criança no mundo.

O terapeuta é alicerce para o brincar, oferecendo bases para que a partir desta linguagem a criança manifeste, em companhia e testemunho, seus sentimentos em relação à perda. Essa abertura do terapeuta para o brincar da criança possibilita expressão de sentimentos, emoções, angústias e questionamentos, criando possibilidades para a ressignificação do vivido.

O estudo de Santos (2019) destaca que a psicoterapia com crianças em situação de luto pela separação dos pais pode fortalecer seus recursos suportivos de enfrentamento e contribuir

com a reorganização do campo familiar, ressaltando que a perda não advém necessariamente de uma experiência de morte. O sistema familiar é afetado pela saída de um dos genitores e a pesquisa realizada para esse estudo confirma que as crianças revelam confusão e desorganização frente à vivência dessa transformação do campo familiar. Este é um aspecto importante ao refletirmos sobre a perspectiva gestáltica, que compreende a visão holística e a de campo, de forma que a alteração da parte reverbera no todo do campo vivencial da criança. Desta forma, oferecer recursos para que a criança possa integrar essa reconfiguração do campo familiar pode ser fundamental em seu processo de luto.

Ainda que os artigos tratem do luto da criança a partir da Gestalt-terapia, outros saberes são abordados. Bianchi *et al.* (2019) estabelecem diálogos entre a abordagem gestáltica, a Teoria do Apego e o Modelo do Processo Dual do Luto, enquanto Borstman, Breunig e Macedo (2018) se apoiam no modelo proposto por Elisabeth Kübler-Ross. O artigo de Rodrigues, Amorim e Fernandes (2021), por sua vez, não aprofunda a base conceitual da abordagem gestáltica, fazendo articulações com Kübler-Ross e com a história da morte e morrer proposta por Philippe Ariès. Já o artigo de Santos (2019) versa sobre o luto após a separação dos pais e não propõe uma conceituação para o processo de luto. Ainda que apresentem contribuições valiosas, uma das disposições desta pesquisa foi buscar uma sustentação do processo de luto sem vistas a outros olhares, considerando os fundamentos da abordagem gestáltica valiosos para este fim.

O encontro com a morte desperta sentimentos, sofrimentos, angústias. Enfrentar a finitude de uma pessoa amada pode ser vivida como o maior desafio enfrentado pela família, que precisa se reorganizar em sua identidade, seus papéis e suas relações. O terapeuta, ainda que responsável pelo atendimento da criança, ao acolher a família se torna presença na ausência, possibilitando a abertura da esperança, fortalecendo o enfrentamento da perda. Cardella (2017, p. 144) afirma que “quando há presença de um outro o sofrimento pode ser comunicado e torna-se *passagem*, portanto experiência no tempo, movimento de vir-a-ser, esperança” (grifo no original). O essencial é que o terapeuta trabalhe com a família a compreensão das necessidades e limites individuais, respeitando as singularidades, crenças, valores e aspectos culturais. Ser Gestalt-terapeuta de crianças pressupõe, portanto, o acolhimento ao sistema familiar e a necessária instrumentalização para que este seja possível (BIANCHI *et al.*, 2019; BORSTMANN; BREUNIG; MACEDO, 2018).

As dimensões de análise apontadas nortearam a leitura dos artigos, confirmando sua relevância na compreensão do processo de luto. Os artigos analisados apontam que

compreender o luto da criança requer um olhar atento às questões vinculares – a compreensão de quem, na história da criança, era a pessoa perdida –, bem como conhecer e reconhecer as dificuldades do sistema familiar para viabilizar uma intervenção terapêutica heterossupotiva, tanto para a criança como para sua família, como facilitadores do processo de luto.

É decisivo, portanto, que o psicoterapeuta esteja consciente de seu papel nessa clínica. Conhecer os processos da infância, o trabalho com famílias e as particularidades de atuação com o processo de luto se fazem imprescindíveis, bem como o autocuidado, visto que ao nos abirmos para uma criança em luto, abrimo-nos também para nossas próprias perdas. Isso permite ao terapeuta apreender o mundo da criança e o seu próprio, em um processo mútuo de transformação. Como aponta Cardella (2020, p. 109), “ao terapeuta, cabe a tarefa de ser testemunha, companhia, além de sustentar este processo, que também é seu (comunidade de destino)”.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*É esse “amor”, em todas as suas formas, que alimenta o processo criativo entre terapeuta e cliente.*

Zinker

O objetivo deste trabalho foi compreender o luto da criança pelo olhar da Gestalt-terapia, identificando nas publicações analisadas as contribuições dessa abordagem na clínica com crianças enlutadas e intervenções terapêuticas facilitadoras do processo de luto.

Fala-se, em psicologia, da cura pela fala. A Gestalt-terapia compreende a cura pelo encontro, sendo uma abordagem que tem como foco o olhar para o inter-humano. Compreende o homem como um ser de relação, respeitando e reverenciando sua alteridade. Na clínica com crianças em luto, esta é uma necessidade central – receber e acolher a criança em sua possibilidade de expressão de sentimentos acerca da perda, sustentando heterossuportivamente seus ciclos para nomear e destinar a experiência vivida.

As intervenções são facilitadoras desse processo, no sentido de oferta de um espaço para que esses sentimentos possam ser manifestados, respeitando-se a linguagem da criança.

A clínica gestáltica, na qual a fala *falada* se torna *falante*, possibilita a transformação e se ampara na abertura, na postura de reverência e inclusão da singularidade da vivência do luto da criança. O terapeuta é heterossuporte nessa travessia. Confirma e valida os sentimentos expressos por meio de companhia atenta e empática, possibilitando o resgate da esperança. Para Suess (2019, p. 83, tradução livre), “o foco da Gestalt-terapia no processo reconhece que os enlutados estão em um processo contínuo que requer adaptação, revisão e integração da pessoa que se tornaram após a perda”.

A sustentação teórica e os artigos analisados reforçam a compreensão da singularidade da vivência do luto da criança e suas especificidades, que diferem do enlutamento pelo adulto. Mostram ainda o importante lugar que a psicoterapia pode ocupar na facilitação desse processo. A relação terapêutica se caracteriza por ser lugar de acolhimento, em que a criança pode expressar sua emoção recebendo cuidado amoroso em resposta a seu sofrimento. Para Zinker (2007, p. 113), “a Gestalt-terapia é um encontro existencial entre pessoas. Permite que a pessoa se revele no processo desse encontro”. Cabe ressaltar que o sistema familiar está também vivendo seu sofrimento e que a psicoterapia gestáltica mantém o pressuposto da inclusão na

família no processo terapêutico, oferecendo recursos suportivos para a criação de ajustamentos mais saudáveis e formas mais harmoniosas de existir.

A abertura para o encontro, a presença atenta e a inclusão conferem à abordagem um olhar cuidadoso para o sofrimento, que, ainda que difícil, pode ser vivido como crescimento e autoatualização.

Embora a produção em Gestalt-terapia no Brasil venha crescendo, parte desses estudos é veiculada em revistas editadas pelos institutos de formação, muitas delas impressas e não indexadas, o que impossibilita que sejam consultadas para trabalhos de revisão. Foram encontrados quatro periódicos de Gestalt-terapia: a *Revista da Abordagem Gestáltica*, do Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-Terapia de Goiânia, e a *IGT na Rede*, do Instituto de Gestalt-Terapia e Atendimento Familiar, ambas indexadas para buscas em bases de dados, e, disponíveis apenas em formato impresso, a *Revista da Gestalt*, do Instituto Sedes Sapientiae, e a *Revista Sampa GT*, do Instituto Gestalt de São Paulo.

Isso constituiu uma grande limitação à realização deste trabalho, exigindo que diferentes estratégias de busca fossem construídas para coletar os dados de análise. Mesmo com esta barreira, porém, optamos por circunscrever a pesquisa no âmbito do tema, visto que, embora o resultado de busca tenha sido incipiente, o olhar da Gestalt-terapia para o processo de luto e a contribuição das intervenções terapêuticas analisadas explicitam nosso desejo de estudar e abrir espaço para este tema como possibilidade de pesquisa na abordagem gestáltica.

Na construção do trabalho, tanto em relação à fundamentação teórica quanto à análise dos estudos encontrados, a Gestalt-terapia revelou-se uma abordagem valiosa na psicoterapia com crianças em luto. Sua vertente dialógica e abertura genuína para o diálogo permitem receber a criança em sua singularidade, legitimando seu sofrimento e a forma possível de expressá-lo. Além disso, oferece recursos facilitadores para a criança em seu processo de enfrentamento. A compreensão de luto referenciada nesta pesquisa aponta que este processo se dá através da elaboração criativa de recursos para o enfrentamento da perda, buscando-se a retomada do estado de homeostase. No que tange ao proposto, os objetivos da pesquisa foram alcançados, ainda que a realização deste trabalho tenha sido desafiadora, em especial pela escassez de estudos sobre o tema. A possibilidade de contribuir com a ampliação do olhar para esta clínica sensível motivou, a despeito de todos os desafios, a conclusão do trabalho.

Como fruto, se espera que, a partir de uma ampliação de olhar para a delicadeza da experiência de luto vivida pela criança e a importância do acolhimento terapêutico, evidenciada

nos artigos analisados, mais profissionais se sintam convidados a debruçar-se sobre este tema de pesquisa, contribuindo para a construção de conhecimento nesta área de estudo.

Fala-se do tripé da construção do psicoterapeuta, que abrange a formação continuada, o trabalho pessoal em psicoterapia e a supervisão. Estes aspectos são de fato, fundamentais, mas podem incluir também estudo e pesquisa, como forma de tornar os profissionais mais ativos no processo de construção de conhecimento. Esta prática comunga com a dialética do ajustamento criativo, posto que conjuga o ajustar-se ao conhecido, assimilando o conhecimento produzido e criando o novo, contribuindo não apenas para o crescimento da abordagem e sua presença na comunidade acadêmica e científica, como para o fortalecimento da Gestalt-terapia como prática clínica.

A pesquisa nesta área é, portanto, fundamental: possibilita que novas intervenções facilitadoras do processo sejam criadas, incrementando a prática clínica. Este incremento desperta a curiosidade, fomentando novos estudos. Este movimento cíclico de pesquisa e prática clínica é saudável e necessário para o crescimento da Gestalt-terapia entre as demais áreas e saberes da psicologia. Fundamental também é que estudos sejam publicados, para que este conhecimento possa alcançar outros profissionais. Yontef (1998, p. 133) aponta que:

Gestalt-terapia é liberdade para fazer terapia com espontaneidade, vivacidade e criatividade. Mas também exige responsabilidade. Responsabilidade de saber o que você está fazendo, de definir o que você está fazendo e ser compartilhado, para que os efeitos possam ser estudados.

A prática clínica se revela fecunda e promissora na clínica com crianças em luto. A atualidade se revela com pouco espaço para o sofrimento. Franco (2018, p. 197) salienta que “resta a necessidade de entender o papel da tristeza no luto num mundo que valoriza a alegria, o sucesso, o bem-estar, o esquecimento e não as lições da memória”. Em um mundo sem espaço para o trágico, a clínica ocupa um lugar de destinação do sofrimento provocado pela perda.

*A infância não é um tempo, não é uma idade,  
uma coleção de memórias.*

*A infância é quando ainda não é demasiado  
tarde.*

*É quando estamos disponíveis para nos  
surpreendermos, para nos deixarmos encantar.*

*Quase tudo se adquire nesse tempo em que  
aprendemos o próprio sentimento do Tempo.*

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.
- AJZENBERG, T.C.P.; CARDOSO, S.R.; FERNANDES M.B.; LAZAROS, E.A.; NOGUEIRA, C.R. Reflexões sobre o desenvolvimento da criança segundo a perspectiva da Gestalt-terapia. **Revista Sampa GT**, São Paulo, n. 4, p. 87-92, 1995.
- AJZENBERG, T.C.P.; CARDOSO, S.R.; FERNANDES M.B.; LAZAROS, E.A.; MAFFEI, C.M.; NOGUEIRA, C.R. A gênese da construção da identidade e da expansão de fronteiras na criança. **Revista Sampa GT**, São Paulo, n. 7, p. 43-48, 1998.
- AJZENBERG, T.C.P.; ZINKER, C.S.R.; FERNANDES, M.B.; LAZAROS, E.A.; NOGUEIRA, C.R. Figuras de apego: matriz dos vínculos afetivos. **Revista Sampa GT**, São Paulo, n. 9, p. 17-23, 2000.
- ALVIM, M. O id da situação como o solo comum da experiência. In: ROBINE, J.M. (Org.). **Self: uma polifonia de Gestalt-terapeutas contemporâneos**. São Paulo: Escuta, 2018. p. 333-354.
- ANTONY, S. A criança em desenvolvimento no mundo: um olhar gestáltico. **IGT na Rede**, v. 3, n. 4, 2006. Disponível em: <<http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/50>>. Acesso em: 11 jan. 2022.
- ANTONY, S. **Gestalt-terapia: cuidando de crianças: teoria e arte**. Curitiba: Juruá, 2012.
- BIANCHI, D.; CAMPS, P. Luto e enfrentamento na contemporaneidade. In: MARRAS, M. (Org.). **Angústias contemporâneas e Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2020. p. 200-228.
- BIANCHI, D.; CAMPS, P. A caixa de areia como instrumento no campo terapeuta-cliente. In: BIANCHI, D.; CAMPS, P.; KEMMELMEIER, E. **Formas e contato: o uso da caixa de areia no atendimento clínico em Gestalt-terapia**. São Paulo: Gênio Criador, 2021. p. 112-126.
- BIANCHI, D.P.B.B.; KUBLIKOWSKI, I.; CAMPS, P.B.; FRANCO, M.H.P. Possibilidades da clínica gestáltica no atendimento de crianças enlutadas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 4, p. 1018-1035, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/epp.2019.49299>>. Acesso em: 11 jan. 2022.
- BORSTMAN, R.; BREUNIG, Y.; MACEDO, M. Psicoterapia infantil: perdas, luto e ajustamentos criativos elaborados no brincar. **IGT na Rede**, v. 15, n. 28, p. 1-128, 2018.
- BOTELHO, L.; CUNHA, C. MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.
- BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1990. (Originalmente publicado em 1979.)
- BSV – BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. Portal BSV. **Qualidade de vida em 5 passos**. [S. l.]: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <[https://www.bvsm.saude.gov.br/bvs/dicas/260\\_qualidade\\_de\\_vida.html](https://www.bvsm.saude.gov.br/bvs/dicas/260_qualidade_de_vida.html)>. Acesso em: 19 jan. 2022.
- BUBER, M. **Between man and man**. Nova York: Macmillan, 1965.

CAPES – COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Portal CAPES. **Missão e objetivos**. Documento eletrônico. Brasília: CAPES, 2021. Disponível em: <[https://www.periodicos-capes.gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com\\_pcontent&view=pcontent&alias=missao-objetivos&Itemid=109](https://www.periodicos-capes.gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pcontent&view=pcontent&alias=missao-objetivos&Itemid=109)>. Acesso em: 19 jan. 2022.

CARDELLA, B.H.O. A infância e a criação do mundo: criatividade e poesia em Gestalt-terapia. In: BRITO, M.A.Q.; IMPROTA, B. **Ensaio em Gestalt-terapia: percursos autobiográficos**. Salvador: Edufba, 2020. p. 3-26.

CARDELLA, B.H.P. **De volta para casa: ética e poética na clínica gestáltica contemporânea**. Amparo: Foca, 2017.

CIORNAI, S. Arteterapia gestáltica. In: CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004. p. 21-169.

COSTA, V.S.M. Estar com a criança na perspectiva da Gestalt-terapia. In: ANTONY, S.; ZANELLA, R. (Orgs.). **Infância na Gestalt-terapia: caminhos terapêuticos**. São Paulo: Summus, 2020. p. 15-51.

CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ELÍDIO, H. Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L.; FUKUMITSU, K. **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. v. 1, p. 114-144.

FERNANDES, M. A família como parceira no atendimento gestáltico infantil. In: ANTONY, S. **A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus, 2010. p. 177-201.

FRANCO, M.H. Pesquisas e práticas sobre o luto no exterior e no Brasil?. In: FUKUMITSU, K.O. (Org.). **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras**. São Paulo: Summus, 2018. p. 193-206.

FRANCO, M.H.P. A teoria do apego de John Bowlby diante da morte e luto vivenciados na infância e na adolescência. In: MARIOTTO, R.; MOHR, A. (Orgs.). **A vivência da morte e do luto na infância e adolescência: recortes psicanalíticos**. Salvador: Agalma, 2020. p. 196-207.

FRANCO, M.H.P. **O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno**. São Paulo: Summus, 2021.

FREITAS, J. **Experiências de adoecimento e morte**. Curitiba: Juruá, 2010.

FREITAS, J. L. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 19, p. 97-105, 2013.

GINGER, S.; GINGER, M. **Gestalt: uma terapia do contato**. São Paulo: Summus, 1995.

GOOGLE SCHOLAR. Disponível em: <<https://scholar.google.com>>. Acesso em: 19 jan. 2022.

HELOU, F. **Frederick Perls, vida e obra: em busca da gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015.

HYCNER, R. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. São Paulo: Summus, 1995.

HYCNER, R.; JACOBS, L. **Relação e cura em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

JULIANO J. **A arte de restaurar histórias**. São Paulo: Summus, 1999.

- JULIANO, J. **A vida, o tempo, a psicoterapia**: escritos de Jean Clark Juliano. São Paulo: Summus, 2010.
- JULIANO, J.; FELIPPE, I.J. **O tear da vida: reflexões e vivências psicoterapêuticas**. São Paulo: Summus, 2017.
- LIMA, P.V. de A. A Gestalt-terapia holística, organísmica e ecológica. In: FRAZÃO, L.M.; FUKUMITSU, K.O. (Orgs.). **Gestalt-terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Summus, 2013, p. 145-156. (Coleção Gestaltterapia: fundamentos e práticas, v. 1.)
- LIZIAS, S. Epistemologia gestáltica e a prática clínica com crianças. In: ANTONY, S. (Org.). **A clínica gestáltica com crianças**: caminhos de crescimento. São Paulo: Summus, 2010, p. 47-77.
- MAZORRA, L. O luto na infância. In: MAZORRA, L.; TINOCO, V. (Orgs.). **Luto na infância**: intervenções psicológicas em diferentes contextos. São Paulo: Livro Pleno, 2005. p. 17-34.
- MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R.C.C.P.; GALVÃO, C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008.
- NEIMEYER, R. **Meaning reconstruction & the experience of loss**. Washington (USA): American Psychological Association, 2001.
- PAIVA, L.E. **A arte de falar da morte para crianças**: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. São Paulo: Ideias & Letras, 2011.
- PAJARO, M.V. **Gestalt-terapia com crianças**: uma análise de sua produção teórica no Brasil. Dissertação (mestrado em psicologia clínica e cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- PARKES, C. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.
- PARKES, C.M. **Amor e perda**: as raízes do luto e suas complicações. São Paulo: Summus, 2009.
- PARLETT, M. Reflections on field theory. **British Gestalt Journal**, v. 1, n. 2, p. 69-81, 1991.
- PERLS, F. **Isto é gestalt**. São Paulo: Summus, 1977.
- PERLS, F. **Escarafunchando Fritz**. São Paulo: Summus, 1979.
- PERLS, L. **Living at the boundary**. New York: The Gestalt Journal Press, 1992.
- PERLS, F.S. **Ego, fome e agressão**: uma revisão da teoria e do método de Freud. São Paulo: Summus, 2002.
- PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- PIAGET, J. **A construção do real**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- PINTO, E. **Elementos para uma compreensão diagnóstica em Gestalt-terapia**: os ciclos de contato e os modos de ser. São Paulo: Summus, 2015.
- POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.

- POPPA, C.C. **O processo de crescimento em Gestalt-terapia**: um diálogo com a teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott. Dissertação (mestrado em psicologia clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.
- POPPA, C.C. **O suporte para o contato**: Gestalt e infância. São Paulo: Summus, 2018.
- POPPA, C. Vergonha e trauma no processo de desenvolvimento. In: ANTONY, S.; ZANELLA, R. (Orgs.). **Infância na Gestalt-terapia**: caminhos terapêuticos. São Paulo: Summus, p. 101-115, 2020. p. 101-115.
- REHFELD, A. Fenomenologia e Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L.; FUKUMITSU, K. **Gestalt-terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo, Summus, 2013. v. 1, p. 24-33.
- RODRIGUES, G.; AMORIM, C.; FERNANDES, I. A vivência do luto na infância: um olhar sobre o filme “Tão forte, tão perto”. **Academic Journal of Studies in Society, Sciences and Technologies: Geplat Papers**, v. 2, n. 1, 2021.
- SANTOS, J. **A vivência da criança antes e depois da separação dos pais**. Monografia – Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia, 2019.
- SOUZA, M.T de; SILVA, M.D. da; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, 2010, p. 102-106. Disponível em: <DOI: 10.1590/s1679-45082010rw1134>. Acesso em: 19 jan. 2022.
- STRIPLIG, T. Gestalt interventions benefiting children and adolescents: a literature review. **JSTOR**, v. 25, n. 2, p. 197-220, 2021.
- SMUTS, J. **Holism and evolution**. Highland (NY, USA): Gestalt Journal Press, 1998.
- SUESS, B. Bereavement: an evolution. **Gestalt Journal of Australia and New Zealand**, v. 15, n. 2, p. 73-95, 2019. Disponível em: <[https://www.ganz.org.au/wp-content/uploads/woocomerce\\_uploads/2019/07/GANZ-Journal-Vol-15-No-2-May-2019.pdf](https://www.ganz.org.au/wp-content/uploads/woocomerce_uploads/2019/07/GANZ-Journal-Vol-15-No-2-May-2019.pdf)>. Acesso em: 11 jan. 2022.
- TORRES, Y.W. **A criança diante da morte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- URSI, E. S. **Prevenção de lesão de pele no perioperatório**: revisão integrativa da literatura. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto,, Ribeirão Preto, 2005.
- WEBB, N. **Helping bereaved children**: a handbook for practitioners (Clinical practice with children, adolescents, and families). New York: Guilford, 2010.
- WORDEN, W. **Children and grief**: when a parent dies. New York: Guilford, 1996.
- YONTEF, G.M. **Processo, diálogo e awareness**. São Paulo: Summus, 1998.
- ZANELLA, R. A Criança que chega até nós. In: ANTONY, S. (Org). **A clínica gestáltica com crianças**: caminhos de crescimento. São Paulo: Summus, 2010. p. 109-122.
- ZINKER, J. **Processo criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

**Anexo A: Descrição dos artigos selecionados para revisão****Possibilidades da clínica Gestáltica no atendimento de crianças enlutadas**

*Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1018-1035. (Dossiê Gestalt-Terapia)

Bianchi, D.; Camps, P.; Kublikowski, I.; Franco, M.

**RESUMO:** O luto é compreendido como o processo psíquico de elaboração de uma perda que rompe com toda a constituição de mundo interno e segurança da criança, exigindo que novas formas de ajustamento sejam criadas. A presença de um outro-suporte é fundamental para que a criança possa percorrer seus ciclos de contato e alcançar a satisfação de suas necessidades no enfrentamento do luto. A Gestalt-terapia é uma abordagem fenomenológico-existencial, focada na construção dialógica, na qual a relação terapeuta-cliente ganha um eixo central. Em termos de prática clínica, o terapeuta se coloca em abertura à espera do outro-humano que o busca, na expectativa de que se revele, acolhendo os conteúdos, reconhecendo sua manifestação, em um processo de aceitação, confirmação e inclusão. Neste sentido, a intervenção terapêutica acompanha a expressão do brincar como linguagem para a criança comunicar, compreender e assimilar o vivido. O caminho escolhido para realização deste estudo foi a revisão bibliográfica de teóricos da Gestalt-terapia e estudos em luto na contemporaneidade, com enfoque nas bases relacionais destas teorias associadas a vinhetas de casos clínicos para ampliar a compreensão e possibilidades de intervenção com crianças enlutadas na clínica gestáltica.

**Palavras-chave:** luto infantil, Gestalt-terapia, psicoterapia infantil

**Psicoterapia infantil: perdas, luto e ajustamentos criativos elaborados no brincar**

*Revista IGT na Rede*, v. 15, n. 28, 2018, p. 76-95.

Borstman, R.; Breunig, Y.; Macedo, M.

**RESUMO:** Este artigo se propõe a discutir a psicoterapia infantil na perspectiva da Gestalt-terapia, trazendo como elementos questões referentes às perdas, ao luto e aos ajustamentos criativos elaborados no brincar. Para tanto, utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, bem como trouxemos ilustrações de nossa prática clínica para corroborar com o que foi explicitado na teoria. Os principais autores utilizados foram Perls (1977), Oaklander (1980), Aguiar (2005), Fukumitsu (2012) e Martins e Lima (2014). Percebemos que as perdas não dizem respeito apenas à morte física, mas também à morte simbólica, a qual pode ser vivenciada de diferentes formas. Por meio dos casos exemplificados, evidenciamos que através do brincar os pacientes conseguiram elaborar ajustamentos criativos, sejam eles funcionais ou disfuncionais, como modo de lidar com a situação vivenciada.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia; psicoterapia infantil; perdas; luto; ajustamentos criativos

**A vivência das crianças antes e após a separação dos pais**

Monografia apresentada para obtenção de Pós-Graduação *lato sensu* com vistas a Especialização na Abordagem Gestáltica – Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Santos, J.; Costa, V. (orientadora)

**RESUMO:** Ao longo dos anos, houve uma elevação sucessiva no número de divórcios, sendo cada vez mais aceito com naturalidade pela sociedade brasileira. A separação entre um casal é uma das experiências mais dolorosas que a criança pode vivenciar por ser um período de desorganização, no qual a família se encontra em busca de novas formas de equilíbrio. A presente pesquisa tem como objetivo compreender a vivência de três crianças antes e após a separação dos pais que tenham entre 7 e 9 anos. A coleta dos dados se obteve por meio de entrevistas qualitativas semiestruturadas baseadas no método de Giorgi (2010) e pelo desenho da Família, com aporte fenomenológico-existencial. Evidenciou-se, a partir da percepção dos participantes, a separação como um processo de mudanças em que vivenciam bastantes perdas, sendo elas: emocionais, físicas e materiais.

**Palavras-chave:** separação, crianças, Gestalt-terapia

**A vivência do luto na infância: um olhar sobre o filme “Tão forte, tão perto”**

*Academic Journal of Studies in Society, Sciences and Technologies – Geplat Papers*, v. 2, n. 1, 2021

Amorim, C.; Fernandes, I.; Rodrigues, G.

**RESUMO:** A temática do luto, especificamente o luto na infância, ainda causa na cultura ocidental estranhamento, medos ocultos e tabus, pois a visão filosófica e política dessa sociedade está configurada de acordo com seu continente, sua historicidade e ancestralidade, que ao longo da história foi rompendo seu contato com a ideia de refletir e falar sobre a finitude, sobre morte e o luto. Contudo, sabe-se que toda perda significativa exige um processo de luto, que pode ser compreendido como um processo de ajustamento às perdas. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo elucidar o tema do luto infantil, como também, propõe relacionar a psicologia enquanto teoria e ciência no desenvolvimento de debates e reflexões sobre essa temática ainda pouco discutida. Assim, esse estudo se constitui como uma revisão bibliográfica de natureza narrativa, no qual foi traçado um mapeamento das produções existentes sobre o luto infantil, os quais após leituras e reflexões, foram articulados com o filme “Tão forte, tão perto”, o qual discute a temática da vivência do luto na infância, que é vivenciado pelo personagem Oskar, o qual perde seu pai Thomas no fatídico 11 de setembro, e precisa ressignificar a perda e aprender a seguir com a ausência e a saudade de seu pai.

**Palavras-chave:** psicologia e luto; luto infantil e morte